

KARINA JORGE FORTES

COMÉRCIO BILATERAL ENTRE BRASIL E ÍNDIA

Monografia apresentada como requisito a conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profº Dr. Paulo Mello Garcias.

CURITIBA

2008

TERMO DE APROVAÇÃO

KARINA JORGE FORTES

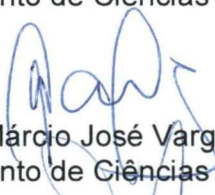
COMÉRCIO BILATERAL ENTRE BRASIL E ÍNDIA

Monografia aprovada como requisito final para a conclusão do curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:



Prof. Dr. Paulo Mello Garcias
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Ms. Márcio José Vargas da Cruz
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Dr. Nilson Maciel de Paula
Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Curitiba, 03 de novembro de 2008.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	i
LISTA DE ANEXOS	ii
RESUMO	iii
1 INTRODUÇÃO	1
2 JUSTIFICATIVA	2
3 REFERENCIAL TEÓRICO	3
5.1 LEI DAS VANTAGENS COMPARATIVAS	3
5.2 TEORIA DE HECKSCHER-OHLIN.....	3
5.3 VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS	4
5.3.2 Indicador desenvolvido por Balassa e modificado por Lafay	5
5.4 COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA.....	6
5.4.1 O índice de Grubel-Lloyd.....	7
5.4.2 Tarifas de importação e acordos comerciais	7
4 ALGUNS ESTUDOS SOBRE RELAÇÕES COMERCIAIS BILATERAIS	9
5 METODOLOGIA	11
6 ANÁLISE DO COMÉRCIO ENTRE BRASIL E ÍNDIA	12
8.1 PERFIL DOS PAÍSES	12
8.1.1 Renda e Produção.....	12
8.1.2 Comércio Internacional.....	18
8.2 ANÁLISE DO COMÉRCIO POTENCIAL	19
8.2.1 Exportação e Importação	20
8.2.2 Índice de Vantagens Comparativas proposto por Balassa	25
8.2.3 Índice de Vantagens Comparativas – Lafay	27
8.2.4 Índice de comércio intra-indústria - Grubel e Lloyd	30
8.2.5 Conclusão	31
8.3 ANÁLISE DO COMÉRCIO BILATERAL	34
8.3.1 Exportações do Brasil para a Índia.....	36
8.3.2 Importações do Brasil originadas da Índia.....	39

8.4 TARIFAS DE IMPORTAÇÃO	43
7CONCLUSÃO	48
8REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
9ANEXOS.....	52

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -PRODUTO INTERNO BRUTO DO BRASIL E ÍNDIA A PREÇOS CORRENTES – 1990 A 2006.....	12
TABELA 2 -DISTRIBUIÇÃO DO PIB DO BRASIL, SEGUNDO O VALOR ADICIONADO, POR TIPO DE ATIVIDADE ECONÔMICA - 1990 A 2006.....	14
TABELA 3 -DISTRIBUIÇÃO DO PIB DA ÍNDIA, SEGUNDO O VALOR ADICIONADO, POR TIPO DE ATIVIDADE ECONÔMICA -1990 A 2006	15
TABELA 4 -DISTRIBUIÇÃO DO PIB DO BRASIL, SEGUNDO PARTICIPAÇÃO POR DESPESAS - 1990 A 2006	16
TABELA 5 -PIB DA ÍNDIA – PARTICIPAÇÃO POR DESPESAS – 1990 A 2006.....	17
TABELA 6 -BRASIL – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL.	21
TABELA 7 -BRASIL – PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL.	22
TABELA 8 -ÍNDIA – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL...	23
TABELA 9 -ÍNDIA – PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL...	24
TABELA 10 -BRASIL – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, PROPOSTO POR BALASSA.....	25
TABELA 11 -ÍNDIA – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, PROPOSTO POR BALASSA.....	26
TABELA 12 -BRASIL – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, MODIFICADO POR LAFAY.....	28
TABELA 13 -ÍNDIA – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, MODIFICADO POR LAFAY.....	29
TABELA 14 -BRASIL – ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA PROPOSTO POR GRUBEL & LLOYD.....	30
TABELA 15 -ÍNDIA – ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA PROPOSTO POR GRUBEL & LLOYD.....	31
TABELA 16 COMÉRCIO ENTRE BRASIL E ÍNDIA – 1996 A 2007.....	35
TABELA 17 -OS QUINZE PRODUTOS MAIS EXPORTADOS PELO BRASIL PARA A ÍNDIA, POR VALOR CONFORME O ANO DE 2007	36
TABELA 18 -AS QUINZE MAIORES PARTICIPAÇÕES POR GRUPOS DE PRODUTOS DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A ÍNDIA, CONFORME O ANO DE 2007.....	38

TABELA 19 -OS QUINZE PRODUTOS MAIS IMPORTADOS DA ÍNDIA PARA O BRASIL POR VALOR, CONFORME O ANO DE 2007	39
TABELA 20 -AS QUINZE MAIORES PARTICIPAÇÕES POR GRUPO DE PRODUTOS DAS IMPORTAÇÕES DA ÍNDIA PARA O BRASIL, CONFORME 2007	41
TABELA 21 - TARIFAS DE IMPORTAÇÃO DO BRASIL E DA ÍNDIA, ANO DE 2008.....	44

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 -... TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE BALASSA PARA O BRASIL.....	52
ANEXO 2 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE BALASSA PARA A ÍNDIA.....	54
ANEXO 3 -TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE LAFAY PARA O BRASIL.....	56
ANEXO 4 -TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE LAFAY PARA A ÍNDIA.....	58
ANEXO 5 -.TABELA COMPLETA DO ÍNDICE GRUBEL & LLOYD PARA O BRASIL.....	60
ANEXO 6 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE GRUBEL & LLOYD PARA A ÍNDIA.....	62

RESUMO

Análise sobre o comércio bilateral ente Brasil e Índia para o período de 1996 a 2007, sob o enfoque da teoria tradicional, baseada nas vantagens comparativas, através das quais os países realizam o comércio inter-indústria e da teoria mais recente que aborda o comércio intra-indústria. Utiliza dados do Produto Interno Bruto – PIB, importações e exportações de cada país, fornecidos por órgãos internacionais como a Organização Mundial do Comércio e Organização das Nações Unidas. Aborda o desempenho deles com o resto do mundo através da análise dos dados do comércio e de cálculos de índices de vantagens comparativas e do índice de comércio intra-indústria. Referencia o desempenho com o resto do mundo ao comércio bilateral, utilizando dados da Secretaria do Comércio Exterior. Apresenta o acordo entre Mercosul e Índia e seus impactos no comércio bilateral, bem como as tarifas de importação de cada país. Em suas considerações finais constata a possibilidade de expansão do comércio, com destaque para o tipo intra-indústria, e necessidade de maior aproximação.

Palavras-chave: Comércio bilateral; Vantagens Comparativas; Comércio Intra-indústria.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o comércio entre Brasil e Índia, através do estudo do comércio potencial e do comércio realizado no período de 1996 a 2007. O trabalho segue motivado por dois fatores: aumento do comércio entre países em desenvolvimento e, mesmo assim, baixo nível de comércio entre os dois países escolhidos para o estudo.

Dado que os países em desenvolvimento têm se destacado cada vez mais no comércio internacional, surgem novos movimentos para o fortalecimento de comércio entre eles, denominado como comércio Sul-Sul, citando como exemplo o próprio acordo entre Mercosul e Índia. Sendo assim, também serão considerados para o trabalho as tarifas de importação e os acordos comerciais.

Como referencial teórico serão utilizadas as teorias tradicionais, sendo a teoria das Vantagens Comparativas e o modelo de Heckscher-Ohlin. Também será utilizada a teoria mais recente que explica o comércio intra-indústria.

O principal objetivo desse trabalho é analisar a evolução do comércio entre Brasil e Índia no período de 1996 a 2007 e avaliar a possível ampliação do comércio entre eles. Para isso ele se subdivide em três objetivos secundários. O primeiro é identificar e analisar o comércio realizado de cada um dos dois países com o resto do mundo e entre eles. O segundo é identificar o comércio potencial entre Brasil e Índia e o terceiro é analisar o acordo de preferências comerciais já existente entre Mercosul e Índia e seus impactos.

Neste cenário, de crescimento do comércio entre países em desenvolvimento, espera-se que o estudo do comércio entre Brasil e Índia possa contribuir com a avaliação do comércio real e a identificação de novas possibilidades comerciais.

2 JUSTIFICATIVA

Os países classificados como em desenvolvimento têm alcançado maior importância quando se discute o comércio internacional. Tanto o Brasil como a Índia são países em desenvolvimento, com processo de abertura comercial relativamente recente (nos anos 90) e, a partir de então, têm ocupado posições mais ativas junto à Organização Mundial do Comércio.

Além do comércio dos países desenvolvidos com os países em desenvolvimento, denominado comércio Norte-Sul, os países em desenvolvimento também comercializam entre eles, este é denominado comércio Sul-Sul. Segundo RAJAN SUDESH (2004) - Diretor do Ministério do Comércio na Índia: "O comércio Sul-Sul começou a crescer muito e está imprimindo uma nova dinâmica à Organização Mundial do Comércio".

A importância dos países em desenvolvimento pode ser destacada pelas suas taxas de crescimento econômico, acima da média dos países desenvolvidos, e pelo aumento de sua participação no comércio internacional.

Segundo o Banco Mundial na década de 1990 a renda per capita real cresceu quase três vezes mais rápida nos países em desenvolvimento, que tiveram uma maior redução de suas barreiras comerciais (apresentando crescimento em média de 5% ao ano) do que nos países em desenvolvimento que apresentaram menor redução (crescimento médio de 1,4 % ao ano).

Quanto ao crescimento do volume do comércio, GOUVÊA e SANTOS (2004) afirmam: "... Outra feição importante desse período tem sido o crescente incremento verificado nas trocas comerciais entre esses países em desenvolvimento. As trocas comerciais cresceram cerca de 176% entre 1990 e 2001, saltando de um total de US\$ 278 bilhões, em 1990, para perto de US\$ 767 bilhões, em 2001. No mesmo período, o comércio mundial cresceu 74%...".

Frente a esse cenário de crescimento dos países em desenvolvimento e de interesse no fortalecimento do comércio entre eles, esse trabalho pretende contribuir através da identificação do comércio potencial e análise do comércio entre dois países com outros estudos que possam vir a ser feitos sobre o tema.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho será conduzido com base na análise de dois tipos de comércio entre os países: inter-indústria ou inter-setorial e intra-indústria ou intra-setorial.

O comércio inter-indústria ou inter-setorial refere-se ao comércio entre setores ou indústrias diferentes. Para a análise desse comércio serão utilizadas a Lei das Vantagens Comparativas e a Teoria de Heckscher-Ohlin. Já o comércio intra-indústria ou intra-setorial trata-se do comércio dentro do mesmo setor ou indústria. Este é explicado pelo modelo de economias de escala e concorrência imperfeita.

A seguir será apresentada a base teórica para investigação do tema.

5.1 LEI DAS VANTAGENS COMPARATIVAS

A lei das vantagens comparativas, apresentada por Ricardo em 1817, faz-se fundamental, pois é a partir dela que se desenvolvem outras teorias apresentadas neste trabalho. Ela mostra que diferenças de produtividade, do fator trabalho e tecnológicas, entre países possibilitam o comércio e conseqüentemente o ganho do comércio. Essa então seria a primeira teoria utilizada para explicar o comércio inter-indústria.

O modelo ricardiano das vantagens comparativas utiliza apenas um fator de produção para a análise – o trabalho. De acordo com esse modelo, o país exporta o produto no qual sua produtividade do trabalho é relativamente superior, ou seja, no qual possui vantagem comparativa e importa o bem no qual possui uma desvantagem comparativa.

5.2 TEORIA DE HECKSCHER-OHLIN

O modelo de Heckscher-Ohlin (1919), também utilizado para explicar o comércio inter-indústria, considera as proporções em que diferentes fatores de

produção estão disponíveis em cada país. Considera também a proporção na qual esses fatores são utilizados, em cada país, para a produção de diferentes bens. Segundo o modelo, cada país deverá exportar o produto intensivo no fator de produção que é mais abundante e barato e importar o produto que utiliza o fator mais escasso e caro.

Conforme explica SALVATORE (2000, p. 70):

Uma nação exportará a commodity cuja produção exija a utilização intensiva do seu fator relativamente abundante e barato e importará a commodity cuja produção exija a utilização intensiva do seu fator relativamente escasso e caro. Em resumo, a nação relativamente rica em mão-de-obra exporta a commodity relativamente intensiva em mão-de-obra e importa a commodity relativamente intensiva em capital.

5.3 VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS

A seguir serão apresentados os índices de vantagem comparativa revelada, seus respectivos significados e métodos de cálculo. Esses índices serão utilizados para a identificação dos produtos e setores que possuem vantagem ou desvantagem comparativa.

Conforme FAUSTINO (2003, p. 7) "...o comércio revela a vantagem comparativa. Como nestas teorias a produção interna só tem dois destinos, consumo interno ou exportação e como há equilíbrio geral, é fácil compreendermos a íntima ligação entre alteração da produção e alteração do comércio."

5.3.1 O índice de vantagens comparativas reveladas de Balassa

MAIA (2002, p. 2) destaca que "O Índice de Vantagens Comparativas Reveladas está fundamentado na Teoria das Vantagens Comparativas desenvolvido por David Ricardo (1817)." Conforme SOUZA e ILHA (2003, p. 3) "a vantagem comparativa revelada (VCR), proposta inicialmente por Balassa (1965 e 1977), especifica os preços pós-comércio e, é um dos métodos mais utilizados para determinar a vantagem comparativa".

O índice proposto por Balassa é calculado da seguinte forma:

$$VCR_{ij} = (X_{ij}/X_{tj}) / (X_{im}/X_{tm})$$

Onde:

VCR_{ij} = vantagem comparativa revelada do produto i no país j;

X_{ij} = exportações do produto i pelo país j

X_{tj} = exportações totais do país j

X_{im} = exportações do produto i no mundo

X_{tm} = exportações totais do mundo

A vantagem comparativa de um produto é vista através de um confronto da sua participação exportadora no país em relação a sua participação na exportação mundial. Um produto com VCR acima de 1 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 1 apresenta desvantagem comparativa.

5.3.2 Indicador desenvolvido por Balassa e modificado por Lafay

O indicador desenvolvido por Lafay tem como base o indicador de Balassa. A crítica feita por Lafay é de que no indicador de Balassa não era considerado o peso do comércio externo na economia de cada país.

FAUSTINO (2003, p. 9) explica que "... se $X = 1000$ e $M = 900$ no país A e $X = 100$ e $M = 90$ no país B temos o mesmo valor para a taxa de cobertura. Supondo que ambos os países têm um produto de 2000, o indicador dá o mesmo valor para um país aberto ao exterior e para um país em quase estado de autarquia."

Lafay sugere que o indicador seja transformado para:

$$VCR_{ij} = 1000/PIB_j \{ (X_i - M_i)_j - [(X_i + M_i) / (X + M)] * (X - M)_j \}$$

X_{ij} = valor exportado de produtos do setor i pelo país j

M_{ij} = valor importado de produtos do setor i pelo país j

X_j = valor total exportado pelo país j

M_j = valor total importado pelo país j

PIB_j = PIB do país j a preços correntes

O acréscimo da variável PIB e as mudanças de cálculo propostas por Lafay visam mostrar o peso do setor no comércio externo e desse comércio em relação à produção interna do país. Esse índice indica a vantagem comparativa quando o resultado é acima de 0 e quando o índice está abaixo de 0 significa que o país possui desvantagem comparativa.

5.4 COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA

A abordagem em relação ao comércio intra-indústria se desenvolve a partir de 1960. KRUGMAN (2005, p. 94), explana sobre sua importância:

Cerca de um quarto do comércio mundial consiste no comércio intra-indústria, isto é, troca de bens nos dois sentidos dentro de classificações industriais padronizadas. O comércio intra-indústria desempenha um papel importante no comércio de bens manufaturados entre nações avançadas, o qual responde pela maioria do comércio mundial. No decorrer do tempo, os países industrializados têm se tornado cada vez mais semelhantes em termos de tecnologia e de disponibilidade de capital e trabalho qualificado.

Sendo o comércio intra-indústria um fenômeno já percebido entre países desenvolvidos e destacado como sendo uma parcela importante do comércio mundial, este mesmo também pode ser considerado para países em desenvolvimento. O comércio intra-indústria é impulsionado pela economia de escala, imperfeições de mercado, também são consideradas as características dos países como igualdade de renda, nível de desenvolvimento econômico, tamanho da economia e nível de tarifas.

Os países em desenvolvimento vêm sofrendo alterações em seu perfil produtivo, ampliando sua produção de manufaturados e serviços, destacando-se no comércio internacional, através do alcance de taxas de crescimento econômico e de comércio acima dos países desenvolvidos. A evolução tecnológica pode sustentar a afirmação acima. Os países desenvolvidos são semelhantes tecnologicamente, bem como em termos de disponibilidade de capital e trabalho. No caso dos países em desenvolvimento essas semelhanças também podem ocorrer, quando se encontram em estágios de desenvolvimento semelhantes

A seguir será apresentado o índice que será utilizado para verificar se há, em um determinado setor, o comércio intra-indústria.

5.4.1 O índice de Grubel-Lloyd

O índice de Grubel-Lloyd é calculado sobre dados de importação e exportação, dos setores dos países. O resultado do índice varia entre 0 e 1, sendo que para 1 o comércio será totalmente do tipo intra-indústria e sendo que para 0 será totalmente do tipo inter-indústria. Para valores intermediários, será considerado que se igual ou maior a 0,5 o setor é classificado como intra-industrial e se menor que 0,5 será classificado como interindustrial.

O índice é dado por:

$$CII = 1 - |X - M| / (X + M)$$

Sendo:

CII = comércio intra-indústria

X = exportações

M = importações

5.4.2 Tarifas de importação e acordos comerciais

Alguns instrumentos de política comercial são utilizados para proteger e beneficiar os interesses de uma nação. Entre eles, podemos citar: subsídios à exportação, cotas de importação, tarifas e acordos.

As tarifas constituem o recurso mais comum, segundo Salvatore. As tarifas podem ser ad valorem ou específica. A ad valorem é calculada através de um percentual fixo sobre o produto e a específica é uma sobre cada unidade do produto. Também pode ser mista, considerando parte ad valorem e parte específica.

O subsídio se constitui em um pagamento ao exportador, ao enviar um bem ao exterior. Os subsídios também podem ser ad valorem ou específico. A cota de importação é a estipulação de um limite de quantidade para a importação de determinados bens.

Os acordos por sua vez visam reduzir as práticas protecionistas entre os países. Procuram reduzir tarifas, subsídios, além de incluírem políticas de crédito que incentivem o comércio.

O início dos acordos comerciais entre países é citado por KRUGMAN, como sendo em 1930. Os acordos que visam estabelecer o livre comércio podem ser feitos entre dois ou mais países, geralmente, de duas formas: estabelecendo uma área de livre comércio ou pela união aduaneira. Já um acordo de preferências comerciais é feito em caráter excepcional, pois pode favorecer aos membros envolvidos com relação ao resto do mundo.

Nos acordos de preferências comerciais os países envolvidos diminuem suas tarifas uns em relação aos outros, mas não com relação ao resto do mundo. Quando um acordo é feito na forma de área de livre comércio os bens de um país podem ser enviados ao outro sem tarifas, mas cada país que pertence ao acordo deve fixar suas tarifas em relação ao resto do mundo de forma independente. Nas uniões aduaneiras os participantes estipulam tarifas externas comuns para o resto do mundo.

4 ALGUNS ESTUDOS SOBRE RELAÇÕES COMERCIAIS BILATERAIS

Sobre o volume de comércio entre Brasil e Índia, segundo artigo da CNI – Confederação Nacional da Indústria (2007, p. 02) “Nenhum dos dois países é um sócio relevante para o outro: a participação da Índia nas vendas externas brasileiras é próxima a 1%, o mesmo acontecendo na direção oposta”.

Devido ao projeto propor o estudo entre dois países com características semelhantes pode ser suposto inicialmente, embasado na teoria tradicional da vantagem comparativa e do modelo Heckscher-Ohlin, que eles possuem vantagens comparativas em produtos semelhantes e por isso seriam concorrentes no mercado internacional. SILBER (2007, p. 22) confirma essa semelhança: “Embora a disponibilidade de dados não seja a mais adequada para inferências empíricas, a análise indica que Brasil e Índia exportam produtos que incorporam mais intensivamente o mesmo fator de produção: mão de obra.”

No entanto, essa semelhança não descarta a possibilidade de ampliação de comércio entre os países. CNI (2007, p. 02) afirma: “Brasil e Índia não competem de maneira significativa no mercado mundial. As exportações dos dois países têm elevada participação de produtos básicos e semimanufaturados, mas são em geral complementares”.

Os artigos utilizados como base na revisão temática, utilizam o modelo de vantagem comparativa. KUME, PIANI e MIRANDA (2005, p. 21) concluem:

Os cálculos de VCR e a comparação do percentual de produtos competitivos em cada setor mostram que o Mercosul terá predominância principalmente na agroindústria: frutas e vegetais; café, chá, mate e cacau; açúcar; grãos; animais e seus produtos; sementes, óleos e gorduras; bebidas e leite e laticínios. Na indústria, prevalecerá a produção indiana em têxtil e Vestuário; couro, borracha, calçados e artigos de viagem; metais; química e produtos fotográficos; minerais e metais preciosos e manufaturados diversos.

O comércio intra-indústria não é visto mais detalhadamente nos estudos utilizados para esta revisão, no entanto ele é referenciado. Ainda segundo KUME, PIANI e MIRANDA (2005, p. 22): “... Evidentemente, esse quadro ilustrativo não exclui a possibilidade de especialização intra-indústria, principalmente em manufaturados com uso mais intensivo de capital.”

Quanto às tarifas de importação, Brasil e Índia implantaram um programa de redução tarifária com a sua abertura comercial. Segundo estudo de KUME, PIANI e MIRANDA entre 1990 e 1991, a tarifa máxima indiana alcançava 355% e a média era de 113%. A partir de 1993, a tarifa “normal” máxima caiu para 85% e para 50% em 1996. No Brasil o processo de liberalização comercial se iniciou em 1988, no período de 1991 a 1993 um programa de redução tarifária gradual alcançou a tarifa média de 13,5%.

SILBER (2007, p. 55) afirma: “Da análise da política comercial dos dois países, particularmente da política tarifária, constata-se que os impostos de importação da Índia são em média, o dobro dos aplicados pelo Brasil, indicando que as maiores concessões comerciais deverão ser feitas pela Índia”.

Brasil e Índia apresentam negociações a partir de sua abertura comercial. A Índia diferencia-se do Brasil por ter acordos apenas do tipo Sul-Sul. Cito: Sri Lanka em 2000; Tailândia em 2003; ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático – (participam Brunei, Darussalam, Cambodia, Indonésia, República Democrática do Laos, Maçásia, Myanmar, Filipinas, Singapura, Tailândia e Vietnam em 2003; Tailândia em 2003; SAFTA – Acordo de Livre Comércio do Sul da Ásia - (participam Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Sri Lanka) em 2004; SACU – Southern African Customs Union – (participam África do Sul, Botswana, Namíbia, Lesoto e Suazilândia) em 2004; BIMNST – Bhutão, Índia, Myanmar, Nepal, Sri Lanka e Tailândia – em 2006. O Brasil possui negociações mais diversificadas dos tipos Norte-Sul e Sul-Sul. Participa do Mercosul - Mercado Comum do Sul – desde 1991 e de outros acordos anteriores à vigência deste. Outras negociações são: União Européia em 1995; SACU em 2000; México em 2002; Acordo de complementação através do Pacto Andino com Peru em 2003.

O acordo entre Mercosul e Índia teve sua lista de produtos aprovada em 2005. Em todos os estudos ele é considerado um acordo modesto, que não repercutirá em grande ampliação do comércio. SILBER (2007, p. 55) “O impacto do acordo sobre a corrente de comércio destes dois países poderá ser significativo se a agenda de liberalização for ambiciosa. Estima-se pequena ampliação do comércio”.

5 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho será feito o levantamento do perfil de cada país, cálculo de vantagem comparativa revelada, cálculo de índice de comércio intra-indústria, levantamento das tarifas de importação e revisão do acordo. Os dados dinâmicos levantados referem-se ao comércio do Brasil, Índia e Mundo e estão entre 1990 e 2006. O formato em comum obtido para esse estudo mostra-se em dólares a preços correntes, portanto fica a ressalva de que a taxa de câmbio pode influenciar os resultados.

A primeira etapa do desenvolvimento é constituída pela composição de um perfil para cada um dos países. Nela são levantados dados sobre o crescimento econômico, participação dos setores produtivos, dados sobre exportação e importação e tarifas médias de importação de cada país. São utilizados dados da ONU (Organização das Nações Unidas) e da OMC (Organização Mundial do Comércio).

Na segunda etapa serão feitos os cálculos da vantagem comparativa e índice de comércio intra-indústria, de cada país, com o objetivo de levantar as potencialidades de comércio entre eles. Para essa avaliação serão utilizados dados da OMC para o período de 1990 a 2006.

A terceira etapa refere-se à análise do comércio bilateral, sendo feita para o período de 1996 a 2007. Nessa etapa serão utilizados dados da Secretaria do Comércio Exterior (Secex), órgão brasileiro. O objetivo é verificar se as potencialidades verificadas já acontecem ou estão se desenvolvendo.

A análise das tarifas de importação e do acordo existente fica na quarta parte. Então segue para a análise das tarifas de importação e dos acordos do período com dados estáticos do Ministério das Relações Exteriores. O objetivo dessa etapa é identificar se as tarifas e o acordo estão fortalecendo as potencialidades de comércio.

6 ANÁLISE DO COMÉRCIO ENTRE BRASIL E ÍNDIA

8.1 PERFIL DOS PAÍSES

Nessa seção será traçado um breve perfil de cada um dos países, levantando aspectos sobre renda, produção e comércio internacional.

8.1.1 Renda e Produção

Para a análise da renda e produção, seguem algumas considerações sobre o PIB de cada país.

TABELA 1 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO BRASIL E ÍNDIA A PREÇOS CORRENTES – 1990 A 2006

BRASIL		ÍNDIA		Diferença do PIB do Brasil em relação ao da Índia (%)
Ano	PIB US\$ bilhões	Ano	PIB US\$ bilhões	
1990	438	1990	328	34
1991	408	1991	291	40
1992	391	1992	292	34
1993	438	1993	285	54
1994	546	1994	326	67
1995	704	1995	371	90
1996	775	1996	391	98
1997	808	1997	424	91
1998	788	1998	427	85
1999	537	1999	455	18
2000	602	2000	469	28
2001	508	2001	483	5
2002	461	2002	504	-9
2003	506	2003	593	-15
2004	604	2004	689	-12
2005	796	2005	809	-2
2006	1070	2006	903	18

FONTE: Organização das Nações Unidas

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 As alterações na taxa de câmbio influenciam esses resultados. Um exemplo é a desvalorização do Real em 1999 que alterou significativamente o PIB do Brasil.

A análise feita nos dados acima mostra que entre 1990 e 2001 o Brasil apresenta um Produto Interno Bruto (PIB) superior ao da Índia em média 54%. Entre 2002 e 2005 o PIB brasileiro fica aproximadamente 10% menor que o indiano, voltando a ficar superior em 2006. Sendo a Índia quase seis vezes mais populosa que o Brasil, considerando dados de 2006 da Organização Mundial do Comércio (OMC), seu PIB per capita mostra-se inferior chegando a ser 11 vezes menor que o brasileiro entre os anos de 1995 e 1998 (anos de maior diferença dos valores do PIB entre os países).

Para a identificação do perfil produtivo dos países, foram considerados dados da ONU que mostram a participação do valor adicionado dos setores para a composição do PIB entre os anos de 1990 e 2006. Os dados são apresentados em seis grupos:

- Agricultura, caça, silvicultura e pesca
- Mineração e seus derivados
- Manufaturas
- Construção
- Comércio (atacado e varejo), restaurantes e hotéis
- Transporte, logística e comunicação
- Outras atividades

Conforme a tabela apresentada a seguir, destaca-se no Brasil a participação de dois tipos de atividades econômicas para a composição do PIB que somam mais de 50%. O primeiro destaque é para a mineração e seus derivados com média de 27% na composição do PIB ao longo do período. A segunda maior participação é das manufaturas com média de 22%.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DO PIB DO BRASIL, SEGUNDO O VALOR ADICIONADO, POR TIPO DE ATIVIDADE ECONÔMICA - 1990 A 2006

PERÍODO	PARTICIPAÇÃO POR RAMO DE ATIVIDADE (%)						
	Agricultura, caça, silvicultura e pesca	Mineração e seus derivados	Manufaturas	Construção	Comércio (atacado e varejo), restaurantes e hotéis	Transporte, logística e comunicação	Outras atividades
1990	6	28	24	6	8	4	24
1991	6	28	23	6	8	4	25
1992	6	25	21	6	7	4	31
1993	6	25	22	6	7	4	30
1994	9	27	23	8	8	4	21
1995	8	26	22	9	8	5	22
1996	8	24	20	9	7	5	27
1997	8	24	21	9	7	5	26
1998	8	23	20	10	7	5	27
1999	8	25	20	9	7	5	26
2000	8	27	22	9	7	5	22
2001	8	28	22	8	7	5	22
2002	8	29	22	7	7	5	22
2003	9	30	23	7	7	5	19
2004	10	30	23	7	7	5	18
2005	8	31	23	7	7	5	19
2006	9	30	23	7	7	5	19

FONTE: Organização das Nações Unidas.

Na Índia a distribuição mostra-se menos concentrada. Os dois principais grupos que se destacam somam menos que 50% da composição. São o grupo da agricultura, caça e pesca com média de 25%, seguido da mineração com 21%. A Índia apresenta um valor adicionado mais significativo na composição do PIB quando se refere ao comércio e serviços (comércio, hotéis, restaurantes, transporte, logística e comunicação). No dados do PIB indiano esses setores chegam a apresentar o dobro da participação na composição, comparadas as participações desses setores no PIB brasileiro.

TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO DO PIB DA ÍNDIA, SEGUNDO O VALOR ADICIONADO, POR TIPO DE ATIVIDADE ECONÔMICA -1990 A 2006

PERÍODO	PARTICIPAÇÃO POR RAMO DE ATIVIDADE (%)						
	Agricultura, caça, silvicultura e pesca	Mineração e seus derivados	Manufaturas	Construção	Comércio (atacado e varejo), restaurantes e hotéis	Transporte, logística e comunicação	Outras atividades
1990	31	22	17	6	13	6	5
1991	31	21	16	5	12	7	8
1992	30	21	16	5	13	7	8
1993	30	21	16	5	13	7	8
1994	29	22	17	5	13	7	7
1995	27	23	18	5	14	7	6
1996	28	22	17	5	14	7	7
1997	27	21	16	6	14	7	9
1998	27	20	15	6	14	7	11
1999	25	20	15	6	14	7	13
2000	24	20	16	6	15	8	11
2001	23	20	15	6	15	8	13
2002	21	21	15	6	15	8	14
2003	21	20	15	6	16	8	14
2004	20	21	16	7	16	8	12
2005	18	21	16	7	17	9	12
2006	20	21	16	7	16	8	12

FONTE: Organização das Nações Unidas.

Quanto à estrutura dos setores o Brasil mostra um perfil de produção mais desenvolvido no que diz respeito às atividades industriais. O Brasil apresenta uma participação maior das manufaturas na composição do valor adicionado, enquanto que na Índia o grupo da agricultura possui uma participação muito superior a brasileira. Em contrapartida a Índia apresenta maior diversificação na composição do PIB, e maiores participações para comércio e serviços.

A avaliação do PIB pela visão das despesas foi feita com dados da ONU de 1990 a 2006 disponíveis no seguinte formato:

- Consumo final
 - Consumo das famílias
 - Consumo do governo
- Formação bruta do capital

- Exportações de bens e serviços
- Importações de bens e serviços

Na análise dos dados brasileiros verifica-se um crescimento gradual da participação do consumo, das exportações e das importações e uma redução da participação da formação bruta do capital. No que se refere às exportações e importações suas participações chegam a dobrar ao longo do período, apresentando um saldo superavitário constante a partir de 2002.

TABELA 4 - DISTRIBUIÇÃO DO PIB DO BRASIL, SEGUNDO PARTICIPAÇÃO POR DESPESAS - 1990 A 2006

PERÍODO	PARTICIPAÇÃO POR TIPO DE DESPESA (%)						Saldo (Exportações - Importações)
	Consumo final	Consumo das famílias	Consumo do governo	Formação bruta do capital	Exportações de bens e serviços	Importações de bens e serviços	
1990	75	58	17	23	8	6	2
1991	80	62	18	20	9	8	1
1992	79	62	17	19	11	8	3
1993	78	60	18	21	11	9	2
1994	78	60	18	22	10	9	1
1995	79	60	20	22	8	9	-1
1996	81	63	18	21	7	9	-2
1997	81	63	18	21	8	10	-2
1998	81	62	19	21	7	10	-3
1999	81	62	19	20	10	12	-2
2000	80	61	19	22	11	12	-1
2001	80	61	19	21	13	14	-1
2002	78	58	20	20	15	13	2
2003	77	57	20	20	16	13	3
2004	74	55	19	21	18	13	5
2005	75	55	20	21	17	12	5
2006	80	60	20	17	15	12	3

FONTE: Organização das Nações Unidas

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Nas despesas indianas também se percebe o crescimento das exportações e importações. Quanto às outras despesas o movimento é inverso, o consumo final sofre uma redução da participação na formação do PIB e a formação bruta de capital aumenta. Nas exportações e importações a participação chega a triplicar, destacando-se quase que no período todo importações superiores as exportações, apresentando assim um saldo deficitário.

TABELA 5 - PIB DA ÍNDIA – PARTICIPAÇÃO POR DESPESAS – 1990 A 2006

PERÍODO	PARTICIPAÇÃO POR TIPO DE DESPESA (%)						Saldo (Exportações – Importações)
	Consumo final	Consumo das famílias	Consumo do governo	Formação bruta do capital	Exportações de bens e serviços	Importações de bens e serviços	
1990	78	66	12	28	7	9	-2
1991	78	66	11	25	9	9	0
1992	77	65	11	27	9	10	-1
1993	77	65	11	23	10	10	0
1994	75	64	11	26	10	10	0
1995	74	63	11	29	11	12	-1
1996	75	65	11	24	10	12	-2
1997	74	63	11	25	11	12	-1
1998	76	64	12	24	11	13	-2
1999	77	64	13	26	12	14	-2
2000	76	64	13	24	13	14	-1
2001	77	64	12	24	13	14	-1
2002	75	63	12	25	15	16	-1
2003	73	62	11	26	15	16	-1
2004	72	61	11	28	19	21	-2
2005	69	58	11	31	20	23	-3
2006	68	57	12	32	22	26	-4

FONTE: Organização das Nações Unidas

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Com a análise das despesas verifica-se que no início do período ambos possuíam uma participação semelhante das exportações e importações na formação do PIB e que os dois países apresentam crescimento tanto para exportações quando para importações. O que se destaca nessa análise é que a Índia apresenta

um crescimento mais intenso para a participação das exportações e importações, mas no geral apresentando déficit no saldo das transações correntes. No Brasil o crescimento se mostra menos intenso, mas com superávit no saldo.

8.1.2 Comércio Internacional

O perfil levantado pela OMC em 2006 aponta que o Brasil exportou um valor 14% superior de mercadorias em comparação com a Índia. Com esse volume o Brasil ocupou o 24º lugar no ranking de países exportadores, com a Índia ocupando o 28º. Em relação às importações, a Índia teve um volume 82% maior que o do Brasil, ocupando o 17º lugar e o Brasil ocupou o 28º.

Quanto às transações de serviços, a Índia apresenta volumes superiores tanto nas exportações quanto nas importações, comparado ao Brasil. A Índia ocupa o 10º lugar no ranking dos países exportadores de serviços e o 13º lugar dos países importadores. O Brasil, por sua vez, ocupa o 32º lugar dos países exportadores e 27º lugar entre os países importadores de serviços.

Na avaliação do comércio de mercadorias, dividido em três grupos principais: produtos agrícolas; combustíveis e produtos de mineração; e manufaturas, ambos os países possuem maior volume de transações nas manufaturas. Das exportações brasileiras 49,8% são de manufaturas e 28,8% de produtos agrícolas, enquanto que das exportações indianas 68% foram de manufaturas. Quanto às importações brasileiras 69,10% foram de manufaturas. Para a Índia o resultado é de 48,5% das importações em manufaturas e 38,7% em combustíveis e produtos de mineração.

Quanto a destino e origem do comércio, tanto para a Índia quanto para o Brasil, a União Européia para ambos. Em segundo lugar ficam os Estados Unidos, com exceção das importações da Índia que tem a China como o segundo principal parceiro e os Estados Unidos na terceira posição. O terceiro principal destino das exportações indianas fica para os Emirados Árabes. O terceiro principal destino do Brasil é para a Argentina, que também consta como o terceiro principal país de origem das importações.

8.2 ANÁLISE DO COMÉRCIO POTENCIAL

Neste capítulo será feito uma análise isolada de cada país em relação ao comércio internacional, com o objetivo de identificar em quais grupos de produtos há possibilidade de ampliação de comércio e em qual formato (inter-indústria ou intra-indústria). Para isso foram utilizados dados coletados da Organização Mundial do Comércio, para o período de 1990 a 2006, com informações de cada país isoladamente e do total do comércio mundial. Os dados estão agrupados, em relação aos produtos, conforme descrito abaixo:

Produtos Primários:

Produtos agrícolas: Neste grupo serão mostrados os totais de comércios de alimentos, peixes, outros produtos alimentícios, animais vivos e matérias-primas (como peles, borracha, cortiça, madeira, fibras de tecidos e matérias vegetais).

Alimentos: Do grupo de produtos agrícolas será mostrado o total isolado de alimentos. Nesse grupo estão inclusos: alimentos e animais vivos; bebidas e fumo; animal e óleos vegetais; gorduras e ceras; óleos de sementes e frutas oleaginosas.

Combustíveis e produtos de mineração: Compõem esse grupo os minérios e outros minerais (fertilizantes crus, minerais crus, minérios entre outros), combustíveis e metais não ferrosos.

Combustíveis: será apresentado o total do item combustíveis isolado.

Manufaturas:

Ferro e aço.

Produtos químicos: nesse grupo estão os produtos farmacêuticos e outros produtos químicos (produtos químicos orgânicos, inorgânicos, plásticos

entre outros).

Produtos Farmacêuticos: esse total será apresentado isolado.

Máquinas e equipamentos de transporte: nesse grupo estão os escritórios e equipamentos para telecomunicações (processamento eletrônico de dados e equipamentos para escritório; equipamentos para telecomunicações; circuitos integrados e componentes eletrônicos); equipamentos para transportes (produtos automotivos e outros equipamentos para transporte). Serão apresentados os totais dos seguintes grupos:

Produtos automotivos: esse total será apresentado isolado.

Tecidos.

Roupas.

Com esses dados foram calculados as participações de importação e exportação de cada país em relação ao comércio mundial e os índices de comércio inter-indústria e intra-indústria propostos anteriormente. São eles: índice de vantagem comparativa revelada (VCR) proposto por Balassa, VCR modificado por Lafay e o índice de comércio intra-indústria proposto por Grubel e Lloyd.

8.2.1 Exportação e Importação

A análise das exportações do Brasil revela que o país se destaca na exportação do grupo de alimentos e do grupo do ferro e aço. As exportações brasileiras de alimentos em 2006 representam 4,5% do total mundial desse grupo, e as exportações de ferro e aço que representam 2,53%, mesmo em queda ao longo do período (foi 3,37% em 1990). Outras exportações que se destacam são as do grupo de combustíveis e dos produtos automotivos, pelo aumento de sua participação ao longo do período. Esses grupos em 1990 mostravam participações de 0,19% e 0,64% respectivamente.

TABELA 6 - BRASIL – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL

GRUPOS DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO (%)				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	2,36	2,81	3,00	3,27	4,18
Alimentos	2,76	3,23	3,30	3,55	4,55
Combustíveis e produtos de mineração	1,02	1,06	1,08	1,06	1,16
Combustíveis	0,19	0,23	0,10	0,49	0,60
Manufaturas	0,67	0,77	0,67	0,66	0,83
Aço e ferro	3,37	3,36	2,55	2,66	2,53
Produtos Químicos	0,63	0,66	0,62	0,54	0,74
Produtos farmacêuticos	0,17	0,21
Máquinas e equipamentos de transporte	0,48	0,56	0,56	0,57	0,77
Produtos automotivos	0,64	0,81	0,98	0,78	1,28
Tecidos	0,74	0,75	0,59	0,54	0,62
Roupas	0,23	0,27	0,10	0,11	0,10
TOTAL	0,94	1,05	0,96	0,96	1,17

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

A participação das importações brasileiras no comércio mundial apresenta-se pequena e bem distribuída. As maiores participações em relação ao comércio mundial no ano de 2006 foram do grupo de produtos químicos com 1,38%, seguido pelo grupo de combustíveis com 1,04% do total do comércio desses grupos. Apesar dos combustíveis se destacarem entre as maiores participações de importações do Brasil, elas mostram uma tendência decrescente ao longo do período. A participação da importação de combustíveis em 1990 era de 1,67%.

TABELA 7 - BRASIL – PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL

GRUPOS DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO (%)				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	0,65	1,01	1,26	0,71	0,62
Alimentos	0,67	1,00	1,28	0,72	0,59
Combustíveis e produtos de mineração	1,46	1,37	1,41	1,15	1,02
Combustíveis	1,67	1,56	1,62	1,25	1,04
Manufaturas	0,53	0,77	1,13	0,77	0,80
Aço e ferro	0,27	0,23	0,66	0,40	0,50
Produtos Químicos	1,17	1,50	1,94	1,51	1,38
Produtos farmacêuticos	1,16	1,00
Máquinas e equipamentos de transporte	0,52	0,84	1,19	0,76	0,80
Produtos automotivos	0,17	0,86	1,20	0,50	0,58
Tecidos	0,24	0,47	0,71	0,55	0,77
Roupas	0,05	0,08	0,20	0,07	0,15
TOTAL	0,68	0,87	1,17	0,81	0,83

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Na análise das exportações da Índia destaca-se o crescimento de sua participação no comércio mundial para todos os grupos de produtos apresentados. As suas maiores participações no comércio, considerando todo o período, são representadas pelos tecidos e roupas, que apresentam em 2006 respectivamente 4,27% e 3,27% dos totais de comércio desses grupos. Outros grupos que se destacam são combustíveis e produtos de mineração e aço e ferro, pelo seu crescimento ao longo do período. Esses apresentavam em 1990 0,32% e 0,23% respectivamente e em 2006 apresentam 1,06 e 1,57%.

TABELA 8 - ÍNDIA – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL

GRUPOS DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO (%)				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	0,85	0,88	1,10	1,20	1,53
Alimentos	0,88	1,05	1,24	1,37	1,49
Combustíveis e produtos de mineração	0,32	0,32	0,19	0,64	1,06
Combustíveis	0,14	0,15	0,04	0,45	1,00
Manufaturas	0,52	0,65	0,61	0,82	1,01
Aço e ferro	0,23	0,57	0,56	1,48	1,57
Produtos Químicos	0,45	0,55	0,60	0,88	1,19
Produtos farmacêuticos	1,05	1,13
Máquinas e equipamentos de transporte	0,11	0,12	0,11	0,17	0,34
Produtos automotivos	0,06	0,12	0,09	0,12	0,32
Tecidos	2,09	2,91	3,04	3,87	4,27
Roupas	2,34	2,63	2,57	2,93	3,27
TOTAL	0,53	0,64	0,62	0,84	1,06

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Nas importações indianas também se verifica o crescimento em quase todos os grupos de produtos, a exceção fica com o grupo das roupas que se mantém próximo ao zero ao longo do período. Sua maior participação em 2006, com relação ao comércio mundial total do grupo fica com os combustíveis com 4,06%. Destaca-se o crescimento das importações para máquinas e equipamentos de transporte, com 0,35% em 1990 passando a 1,12% em 2006. O crescimento desse grupo foi causado principalmente pelo item escritórios e equipamentos de telecomunicações que representava 0,22% em 1990 e cresce para 1,02% em 2006.

TABELA 9 - ÍNDIA – PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NO COMÉRCIO MUNDIAL

GRUPOS DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO (%)				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	0,41	0,59	0,81	0,86	0,83
Alimentos	0,24	0,44	0,74	0,70	0,63
Combustíveis e produtos de mineração	1,73	1,89	2,05	2,84	3,21
Combustíveis	1,79	2,01	2,32	3,25	4,06
Manufaturas	0,51	0,46	0,49	0,62	1,11
Aço e ferro	1,07	0,94	0,73	0,64	1,60
Produtos Químicos	1,04	1,08	1,01	0,85	1,31
Produtos farmacêuticos	0,35	0,46
Máquinas e equipamentos de transporte	0,35	0,34	0,30	0,45	1,12
Produtos automotivos	0,08	0,07	0,06	0,06	0,16
Tecidos	0,23	0,25	0,30	0,58	0,91
Roupas	0,00	0,00	0,01	0,01	0,03
TOTAL	0,68	0,65	0,68	0,92	1,50

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Com essa análise podemos identificar como produtos tradicionais na pauta das exportações brasileiras os alimentos e aço e ferro e para as exportações indianas, tecidos e roupas. Destaca-se o crescimento das exportações de combustíveis para ambos os países e de produtos automotivos para o Brasil. Quanto às importações destacam-se os produtos químicos para o Brasil e os combustíveis para a Índia.

A participação do total de cada país no total do comércio mundial mostra que o Brasil possui uma participação superior à Índia nas exportações, mas essa diferença vem caindo ao longo do período devido ao aumento da participação da Índia. Em relação às importações a participação da Índia é superior, destaca-se o crescimento de suas participações nas importações e o déficit no saldo entre exportações e importações.

8.2.2 Índice de Vantagens Comparativas proposto por Balassa:

A análise desse índice revela que o Brasil possui maior vantagem comparativa para produtos agrícolas (inclusive alimentos, isoladamente) e aço e ferro, conforme indicava a participação nas exportações. No entanto, grupo do aço e ferro apresenta uma redução de sua vantagem ao longo do período. Também apresenta vantagem comparativa para produtos automotivos a partir de 2005.

As manufaturas mostram-se com desvantagem comparativa, com exceção para aço e ferro e produtos automotivos citados anteriormente, suas maiores desvantagens estão para roupas, produtos farmacêuticos e dentro de máquinas e equipamentos de transporte para o item escritório e equipamentos de telecomunicações com um índice de 0,23 em 2006.

TABELA 10 - BRASIL – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, PROPOSTO POR BALASSA

GRUPOS DE PRODUTOS	ÍNDICE DE BALASSA				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	2,51	2,67	3,12	3,41	3,57
Alimentos	2,94	3,07	3,43	3,71	3,89
Combustíveis e produtos de mineração	1,09	1,00	1,12	1,10	0,99
Combustíveis	0,20	0,22	0,11	0,51	0,51
Manufaturas	0,72	0,73	0,69	0,69	0,71
Aço e ferro	3,60	3,19	2,64	2,78	2,16
Produtos Químicos	0,67	0,62	0,64	0,57	0,63
Produtos farmacêuticos	0,18	0,18
Máquinas e equipamentos de transporte	0,51	0,53	0,59	0,60	0,65
Produtos automotivos	0,68	0,77	1,02	0,81	1,10
Tecidos	0,79	0,71	0,62	0,56	0,53
Roupas	0,24	0,26	0,10	0,11	0,08

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor

2 Um produto com VCR acima de 1 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 1 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

A Índia apresenta vantagem comparativa para produtos agrícolas, incluindo alimentos, e dentro das manufaturas suas maiores vantagens são para tecidos e roupas, apresentando também a partir do meio do período para aço e ferro e para produtos químicos e farmacêuticos.

Para o grupo de combustíveis e produtos de mineração apresenta desvantagem que vem sendo reduzida ao longo do tempo. Suas maiores desvantagens são para máquinas e equipamentos de transporte, incluindo produtos automotivos.

TABELA 11 - ÍNDIA – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, PROPOSTO POR BALASSA

GRUPOS DE PRODUTOS	ÍNDICE DE BALASSA				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	1,58	1,38	1,76	1,43	1,43
Alimentos	1,65	1,65	1,99	1,64	1,40
Combustíveis e produtos de mineração	0,60	0,50	0,30	0,76	0,99
Combustíveis	0,27	0,24	0,07	0,54	0,94
Manufaturas	0,98	1,01	0,98	0,99	0,95
Aço e ferro	0,43	0,90	0,90	1,78	1,48
Produtos Químicos	0,84	0,87	0,96	1,05	1,11
Produtos farmacêuticos	1,26	1,06
Máquinas e equipamentos de transporte	0,21	0,18	0,17	0,21	0,32
Produtos automotivos	0,12	0,19	0,14	0,14	0,30
Tecidos	3,91	4,57	4,88	4,63	4,01
Roupas	4,38	4,14	4,13	3,51	3,07

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 1 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 1 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

Na análise desse índice constata-se que as possibilidades de comércio existentes estão dentro do grupo de manufaturas e refletem um comércio muito superior da Índia para o Brasil. Nos produtos agrícolas os dois países apresentam

vantagem e em combustíveis e produtos de mineração os dois apresentam desvantagens.

A Índia poderia exportar para o Brasil produtos químicos, produtos farmacêuticos, tecidos e roupas. Considerando a análise anterior de participação nas importações, destaca-se a possibilidade de comércio de produtos químicos e farmacêuticos e o comércio de tecidos. O comércio de produtos químicos mostra-se como uma possibilidade mais recente, pois a Índia começa a apresentar vantagem comparativa para esse grupo apenas no final do período. O Brasil aparece com participação de 1% nas importações do comércio mundial em 2006, a participação das importações de tecidos brasileiros é crescente e chega a 0,77% em 2006.

Para o comércio do Brasil para a Índia percebe-se a possibilidade de comércio de produtos automotivos. Essa seria uma possibilidade também recente, pois o Brasil começa a apresentar vantagem no final do período e a participação desse item para o Brasil nas exportações mundiais é de 1,28%. No entanto participação da Índia para as importações de produtos automotivos é muito pequena, mostra 0,16% em 2006.

8.2.3 Índice de Vantagens Comparativas – Lafay

Quando aplicado o índice de vantagens comparativas modificado por Lafay, a análise para o Brasil se mantém comparado ao índice de Balassa. O índice continua apresentando suas maiores vantagens nos produtos agrícolas, alimentos e em manufaturas no grupo de ferro e aço e de produtos automotivos.

Uma observação interessante é para o aumento da desvantagem comparativa para os grupos de combustíveis e para manufaturas. Os combustíveis apresentam um índice de -14,67 em 1990 e aumenta sua desvantagem para -28,30 em 2006 e manufatura apresenta -2,36 em 1990 e passa a -43,74 em 2006. No índice proposto por Balassa os combustíveis mostravam uma redução da sua desvantagem e as manufaturas apresentavam uma desvantagem com estável ao longo do período.

TABELA 12 - BRASIL – ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, MODIFICADO POR LAFAY

GRUPOS DE PRODUTOS	ÍNDICE DE LAFAY				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	11,67	13,29	15,56	28,38	24,29
Alimentos	11,12	13,96	13,57	23,23	54,23
Combustíveis e produtos de mineração	-9,32	-7,52	-8,47	-7,86	-10,81
Combustíveis	-14,67	-12,42	-14,16	-14,28	-28,30
Manufaturas	-2,36	-17,80	-69,91	-36,52	-43,74
Aço e ferro	6,09	7,14	4,51	5,88	13,22
Produtos Químicos	-5,56	-10,60	-20,43	-19,73	-27,73
Produtos farmacêuticos	-0,82	-1,69	-3,77	-4,55	-6,95
Máquinas e equipamentos de transporte	-5,62	-18,54	-46,37	-23,34	-28,05
Produtos automotivos	2,50	-2,88	-6,79	1,14	9,38
Tecidos	0,81	0,24	-1,10	-0,63	-1,84
Roupas	0,32	0,42	-0,62	0,02	-0,64

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 0 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 0 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

As vantagens comparativas apontadas pelo índice de Balassa se mantêm para a Índia, confirmando os grupos de alimentos, aço e ferro, produtos químicos, produtos farmacêuticos, tecidos e roupas.

O que se destaca nesse índice é que além desses produtos, o índice aponta vantagens comparativas para o grupo de produtos automotivos (com desvantagem no índice de Balassa) e mostra o grupo de combustíveis com desvantagem comparativa crescente ao longo dos anos (se mostrava decrescente para Balassa) apresentando um índice de -15,67 em 1990 e chegando a -132,68 em 2006.

TABELA 13 - ÍNDIA - ÍNDICE DE VANTAGENS COMPARATIVAS REVELADAS, MODIFICADO POR LAFAY

GRUPOS DE PRODUTOS	ÍNDICE DE LAFAY				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	7,34	7,10	8,82	10,35	28,10
Alimentos	7,42	9,37	10,30	13,14	25,47
Combustíveis e produtos de mineração	-17,36	-18,93	-24,69	-42,66	-114,18
Combustíveis	-15,67	-16,57	-21,14	-43,45	-132,68
Manufaturas	10,02	29,54	32,04	55,12	40,17
Aço e ferro	-2,23	-0,70	-0,08	4,83	3,99
Produtos Químicos	-3,73	-3,97	-3,49	4,87	6,45
Produtos farmacêuticos	0,85	1,20	2,15	4,42	8,17
Máquinas e equipamentos de transporte	-6,71	-8,17	-9,96	-15,94	-80,98
Produtos automotivos	-0,03	0,94	0,75	1,47	6,79
Tecidos	6,79	12,19	14,35	18,16	26,47
Roupas	8,63	12,62	16,28	20,52	34,51

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 0 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 0 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

Com esse índice podemos manter que as possibilidades de comércio ficam dentro do grupo de manufaturas, no qual a Índia possui um número maior de grupos com vantagem comparativa. As possibilidades de comércio da Índia para o Brasil seriam para produtos químicos, farmacêuticos, tecidos e roupas.

A Índia apresenta vantagem comparativa para produtos automotivos, nesse índice, que excluiria a única possibilidade de comércio apresentada no índice de Balassa no sentido do Brasil para a Índia.

8.2.4 Índice de comércio intra-indústria - Grubel e Lloyd

Para o Brasil a análise do índice Grubel e Lloyd indica o comércio intra-indústria para os grupos de combustíveis e produtos de mineração, sendo que para os combustíveis isoladamente esse comércio ocorre a partir de 2002. E também indica o comércio intra-indústria para o grupo da manufaturas, sendo que isoladamente ocorrem para produtos químicos, máquinas e equipamentos de transporte, produtos automotivos, tecidos e roupas.

TABELA 14 - BRASIL – ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA PROPOSTO POR GRUBEL & LLOYD

GRUPOS DE PRODUTOS	ÍNDICE DE GRUBEL & LLOYD				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	0,43	0,53	0,59	0,36	0,26
Alimentos	0,39	0,47	0,56	0,34	0,23
Combustíveis e produtos de mineração	0,82	0,87	0,86	0,96	0,94
Combustíveis	0,20	0,26	0,12	0,56	0,73
Manufaturas	0,88	0,99	0,74	0,92	0,98
Aço e ferro	0,15	0,13	0,41	0,26	0,33
Produtos Químicos	0,70	0,61	0,48	0,53	0,70
Produtos farmacêuticos	0,35	0,31	0,27	0,26	0,35
Máquinas e equipamentos de transporte	0,96	0,80	0,64	0,86	0,98
Produtos automotivos	0,41	0,97	0,90	0,78	0,63
Tecidos	0,49	0,78	0,91	0,99	0,89
Roupas	0,39	0,47	0,67	0,82	0,79

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Se igual ou maior a 0,5 o setor é classificado como intra-industrial e se menor que 0,5 será classificado como interindustrial. Igual a 1 significa que o comércio é totalmente intra-indústria e igual a zero que é totalmente inter-indústria.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

Aplicado aos dados da Índia, o índice revela o comércio intra-indústria para produtos agrícolas, alimentos e dentro de manufaturas para aço e ferro, produtos químicos, produtos farmacêuticos e produtos automotivos. Em 2006 começa a apresentar o comércio intra-indústria para combustíveis e produtos de mineração.

TABELA 15 - ÍNDIA – ÍNDICE DE COMÉRCIO INTRA-INDÚSTRIA PROPOSTO POR GRUBEL & LLOYD

GRUPOS DE PRODUTOS	ÍNDICE DE GRUBEL & LLOYD				
	1990	1994	1998	2002	2006
Produtos agrícolas	0,66	0,80	0,85	0,84	0,70
Alimentos	0,43	0,59	0,75	0,68	0,60
Combustíveis e produtos de mineração	0,31	0,29	0,17	0,37	0,50
Combustíveis	0,15	0,14	0,03	0,24	0,40
Manufaturas	0,99	0,84	0,89	0,86	0,96
Aço e ferro	0,35	0,76	0,87	0,61	0,99
Produtos Químicos	0,60	0,68	0,74	0,98	0,95
Produtos farmacêuticos	0,73	0,68	0,58	0,50	0,58
Máquinas e equipamentos de transporte	0,48	0,52	0,52	0,55	0,46
Produtos automotivos	0,86	0,73	0,81	0,70	0,66
Tecidos	0,20	0,16	0,18	0,26	0,35
Roupas	0,00	0,00	0,01	0,01	0,02

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Se igual ou maior a 0,5 o setor é classificado como intra-industrial e se menor que 0,5 será classificado como interindustrial. Igual a 1 significa que o comércio é totalmente intra-indústria e igual a zero que é totalmente inter-indústria.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

Com essa análise constatam-se como possibilidades de comércio intra-indústria entre os países os produtos químicos, produtos automotivos e combustíveis e produtos de mineração.

8.2.5 Conclusão

Os produtos agrícolas e alimentos podem constituir uma potencialidade de comércio do Brasil para a Índia. Apesar de não ser a principal potencialidade, pois os dois países apresentam vantagens comparativas e não se destacam suas importações. A indicação do comércio no sentido do Brasil para Índia é feita baseado no crescimento na participação das exportações brasileiras no mercado mundial superiores as da Índia e pelos índices de vantagens comparativas (tanto Balassa quanto Lafay) que apresentam uma vantagem crescente e também superior

a da Índia. A participação das importações brasileiras ao longo do período é decrescente e no final do período não se percebe mais o comércio intra-indústria, que apresentava um índice decrescente. A Índia apresenta um crescimento moderado da participação das exportações, mas também das importações no mundo. Os índices de Balassa e Lafay apontam um crescimento da vantagem comparativa, mas sempre em níveis inferiores a brasileira, e o índice de Grubel & Lloyd aponta comércio intra-indústria e mostra-se crescente.

Os combustíveis e produtos de mineração apresentam potencial de comércio intra-indústria, possivelmente com um volume maior de comércio no sentido do Brasil para a Índia. O Brasil apresenta crescimento na participação das exportações, redução na participação das importações e apresenta comércio intra-indústria com um alto índice (foi de 0,94 no final do período para combustíveis e produtos de mineração e 0,73 para combustíveis isoladamente). A Índia, por sua vez, apresenta crescimento nas participações tanto das exportações quanto das importações, sendo que para as importações esse é o grupo de produtos de maior destaque apresentando grande crescimento e a maior participação no final do período. O índice de Grubel & Lloyd mostra-se crescente e começa a indicar o comércio intra-indústria no final do período, o índice de Lafay apresenta desvantagem comparativa crescente e apresenta essa como sua maior desvantagem dentre os grupos de produtos.

O grupo das manufaturas é o que apresenta o maior potencial de comércio intra-indústria. Esse potencial pode ser explicado por ser o grupo onde ocorrem o maior número de inovações, especializações e diferenciações dos produtos, possibilitando o aumento de mercado, economia de escala e economia de escopo. O índice de Grubel & Lloyd no final do período é de 0,98 para o Brasil e 0,96 para a Índia, apontando um comércio quase que totalmente intra-indústria. O comércio possivelmente terá um volume maior da Índia para Brasil. A Índia apresenta um crescimento na participação das exportações maior que o crescimento do Brasil, o índice de Lafay revela que a Índia possui vantagem comparativa e mostra-se crescente ao longo do período. Dentro do grupo de manufatura estão os próximos grupos que serão analisados a seguir.

O grupo do ferro e aço mostra-se com um potencial para comércio intra-

indústria no longo prazo. Dentro da análise dos dados brasileiros o grupo de ferro e aço é um dos destaques na participação das exportações, porém mostra-se decrescente ao longo do período, em contrapartida a participação nas importações mostra-se crescente. O índice Grubel & Lloyd mostra-se crescente, mas ainda longe de indicar o comércio intra-indústria (em 2007 o índice foi de 0,33). Ambos os índices de VCR mostram que o Brasil possui vantagem comparativa, sendo que o índice de Balassa mostra-se decrescente. Nos dados da Índia todos os dados mostram-se crescentes: participação nas exportações, participação nas importações, índice Grubel & Lloyd (em 2007 já apresenta 0,99), índice de Balassa e de Lafay (ambos ainda inferiores aos brasileiros).

Para produtos químicos já existe o potencial de comércio intra-indústria. A Índia mostra-se superior em relação ao Brasil, com ambos os índices de VCR (Balassa e Lafay) apontando vantagem e com crescimento na participação das exportações maior que a brasileira. Para o Brasil tanto o índice de Lafay quanto o de Balassa apontam desvantagem comparativa, com o índice de Lafay apontando uma desvantagem crescente. Ao verificar os produtos farmacêuticos isoladamente percebe-se melhor a vantagem da Índia, que apresenta diferença positiva entre a participação das exportações e das importações, vantagem comparativa nos dois índices e também aponta o comércio intra-indústria. Para os produtos farmacêuticos, o Brasil apresenta participação das importações maiores que das exportações, não apresenta comércio intra-indústria e apresenta desvantagem comparativa crescente para ambos os índices.

Para máquinas e equipamentos de transporte também se verifica um potencial de comércio intra-indústria. O índice Grubel & Lloyd é alto para o Brasil alcançando 0,98 em 2007. Para a Índia, no final do período ele oscila próximo a 0,5. Ambos os países apresentam crescimento tanto da participação das exportações quanto das importações, mostram desvantagem crescente no índice de Lafay e desvantagem decrescente no índice de Balassa, com o Brasil com desvantagem relativamente menor que a da Índia. Para o grupo de produtos automotivos, também se verifica o potencial de comércio intra-indústria. Tanto a Índia quanto o Brasil revelam o comércio intra-indústria no índice de Grubel & Lloyd e com resultado semelhante, sendo respectivamente 0,66 e 0,63 em 2007. O Brasil possui

participações superiores a da Índia tanto para exportações quanto para importações e apresenta vantagem relativa nos índices de VCR.

Verifica-se um potencial de comércio da Índia para o Brasil, para o grupo de tecidos. A Índia caracteriza-se como exportadora desses produtos, sendo um de seus principais produtos na participação das exportações e com a participação das importações praticamente insignificante. Também é o grupo que apresenta uma das maiores vantagens comparativas para a Índia e não aponta comércio intra-indústria. O Brasil, apesar de também caracterizado como um exportador inicialmente, ao longo do período apresenta redução na participação das exportações e aumento na participação das importações. Quanto aos índices apresenta comércio intra-indústria e desvantagem comparativa com ambos os índices de VCR.

O potencial de comércio para o grupo de roupas também se daria da Índia para o Brasil, mas mostra-se menor que o potencial de tecidos. A participação do Brasil nas importações mundiais é muito pequena e não apresenta o comércio intra-indústria. Para a Índia a participação nas importações fica próxima a 0%.

8.3 ANÁLISE DO COMÉRCIO BILATERAL

O comércio entre Brasil e Índia, como citado anteriormente, apresenta-se em um volume pequeno comparado ao comércio total do Brasil. No ano de 2007, último ano dessa análise, a participação das exportações para a Índia representava 0,60% do total das exportações brasileiras e as importações originadas da Índia representava 1,79% do total das importações brasileiras.

Nesse capítulo será analisado como tem se desenvolvido esse comércio e se os potenciais identificados no capítulo anterior estão se realizando. A análise do comércio bilateral será feita com dados disponibilizados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), órgão do Brasil, através do sistema AliceWeb. Os dados coletados foram do período de 1996 a 2007 e apresentam-se de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) a dois dígitos, contemplando 99 capítulos.

TABELA 16 - COMÉRCIO ENTRE BRASIL E ÍNDIA – 1996 A 2007

Ano	DADOS DO COMÉRCIO – US\$ FOB milhões					PARTICIPAÇÃO (%)	
	Exportações Brasileiras	Importações Brasileiras	Exportações para a Índia	Importações da Índia	Saldo da balança comercial	Exportações para a Índia	Importações da Índia
1996	47 746,7	53 345,7	184,9	185,7	-0,8	0,39	0,35
1997	52 994,3	59 747,2	166,2	216,1	-49,9	0,31	0,36
1998	51 139,8	57 763,4	144,8	211,6	-66,8	0,28	0,37
1999	48 012,7	49 301,5	313,9	170,0	143,9	0,65	0,34
2000	55 118,9	55 850,6	217,4	271,3	-53,9	0,39	0,49
2001	58 286,5	55 601,7	285,4	542,7	-257,3	0,49	0,98
2002	60 438,6	47 242,6	653,7	573,1	80,6	1,08	1,21
2003	73 203,2	48 325,6	553,6	485,7	67,9	0,76	1,01
2004	96 677,8	62 835,6	652,5	556,0	96,5	0,67	0,88
2005	118 529,1	73 600,3	1 137,9	1 202,9	-65,0	0,96	1,63
2006	137 807,4	91 350,5	938,8	1 473,9	-535,1	0,68	1,61
2007	160 649,0	120 621,9	957,8	2 164,9	-1 207,1	0,60	1,79

FONTE: Secretaria do Comércio Exterior

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

A tabela acima mostra os dados totais de comércio entre Brasil e Índia comparado com os dados totais de exportação e importação brasileira, como referência. Nessa análise destaca-se o crescimento das importações do Brasil originadas da Índia. No primeiro ano da análise (1996) tanto as importações quanto as exportações para a Índia possuíam um volume próximo, com as importações com um total de 0,35% e as exportações com 0,39% do total de importações e exportações do Brasil. Ao longo do período as importações originadas da Índia aumentam de uma participação de 0,35% para 1,79%, enquanto que as exportações aumentam de 0,39% para apenas 0,60%.

Para a análise das exportações do Brasil para a Índia e das importações do Brasil originadas da Índia foram feitos dois rankings de acordo com o comércio do último ano, 2007. O primeiro apresenta os produtos mais comercializados ordenados por valor, também será apresentado em percentual sendo em relação ao total de comércio entre Brasil e Índia. No segundo será apresentado as maiores participações por tipo de produto em percentual, sendo a exportação/importação do

grupo de produtos no comércio com a Índia pelo total de exportação/importação brasileira do grupo de produtos.

8.3.1 Exportações do Brasil para a Índia

A tabela a seguir mostra os quinze produtos mais vendidos por valor, de acordo com 2007. O grupo de produtos com maior destaque é o de minérios, escórias e cinzas, que mostra o maior crescimento e alcança 30% das exportações feitas para a Índia em 2007. A pauta de exportações mostra-se bem concentrada com os primeiros cinco produtos somando 75% do total de exportações para a Índia. São eles: minérios, escórias e cinzas; gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais; ferro fundido, ferro e aço; reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos e produtos químicos orgânicos.

TABELA 17 - OS QUINZE PRODUTOS MAIS EXPORTADOS PELO BRASIL PARA A ÍNDIA, POR VALOR CONFORME O ANO DE 2007

continua

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO - NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	DADOS DO COMÉRCIO							
	1998		2001		2004		2007	
	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)
Minérios, escórias e cinzas	11,0	7	8,6	3	72,6	11	288,7	30
Gorduras, óleos e ceras animais ou Vegetais, etc.	44,2	30	124,1	43	142,4	22	184,7	19
Ferro fundido, ferro e aço	12,1	8	6,8	2	8,1	1	99,6	10
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	13,0	9	16,5	6	42,1	6	93,9	10
Produtos químicos orgânicos	2,9	2	15,5	5	43,6	7	62,3	6
Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc	2,3	1	13,7	5	7,9	1	34,5	4
Sal, enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	14,3	10	6,7	2	9,3	1	34,3	4

TABELA 17 - OS QUINZE PRODUTOS MAIS EXPORTADOS PELO BRASIL PARA A ÍNDIA, POR VALOR CONFORME O ANO DE 2007

conclusão

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO - NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	DADOS DO COMÉRCIO							
	1998		2001		2004		2007	
	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)
Veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios	1,5	1	23,3	8	19,9	3	19,0	2
Pele, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	4,7	3	3,6	1	5,9	1	15,1	2
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	0,7	0	4,9	1	6,0	1	13,5	1
Veículos e material para vias fêrreas, semelhantes, etc.	0	0	0	0	0	0	12,2	1
Borracha e suas obras	0,1	0	1,7	0	10,0	1	10,8	1
Cereais	0	0	0	0	0	0	10,5	1
Açúcares e produtos de confeitaria	16,0	11	36,8	13	136,8	21	10,5	1
Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc.	1,8	1	2,2	0	5,4	1	9,3	1
Outros	20,2	14	21,0	7	142,5	22	69,4	7

FONTE: Secretaria do Comércio Exterior

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Seguindo a análise, quanto à participação das exportações para a Índia por grupo de produtos, a Índia não se revela como principal destino das exportações brasileiras para nenhum dos grupos de produtos. Seu principal destaque é para o grupo de gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais que recebem 10% do total das exportações brasileiras desse grupo. Esse possui o segundo maior valor das exportações para a Índia. O maior valor de exportações que está com minérios, escórias e cinzas, nessa análise aparece em sexto lugar sendo responsável apenas por 2% do total de exportações brasileiras desse grupo.

TABELA 18 - AS QUINZE MAIORES PARTICIPAÇÕES POR GRUPOS DE PRODUTOS DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL PARA A ÍNDIA, CONFORME O ANO DE 2007

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO - NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	PARTICIPAÇÃO POR GRUPO DE PRODUTO (%)			
	1998	2001	2004	2007
Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	5	20	9	10
Sal. enxofre, terras e pedras, gesso, cal e cimento	7	3	2	5
Seda	7	4	6	4
Veículos e material para vias férreas, semelhantes, etc.	0	0	0	4
Peleteria (peles com pelo), suas obras, peleteria artificiais	0	0	0	3
Minérios, escórias e cinzas	0	0	1	2
Produtos químicos orgânicos	0	2	3	2
Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	1	2	2	2
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	0	1	1	2
Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	2	1	1	1
Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis	0	0	0	1
Ferro fundido, ferro e aço	0	0	0	1
Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	0	0	1	1
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	0	0	1	1
Obras diversas de metais comuns	0	2	1	1

FONTE: Secretaria do Comércio Exterior

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Lê-se: em 2007 do total de exportações brasileiras de gorduras e etc 10% foram destinadas à Índia.

8.3.2 Importações do Brasil originadas da Índia

A análise das importações segue no mesmo formato, com o ranking em valores e de participações. Nesta análise o grupo que se destaca é o de combustíveis minerais, óleos minerais e ceras minerais, podendo ser apontado como o grupo responsável pelo crescimento das importações da Índia para o Brasil. Em 2007 esse grupo é responsável por 50% do total de importações originadas da Índia. Desta maneira, verifica-se que a pauta de importações mostra-se um pouco mais concentrada que a pauta de exportações, com os primeiros quatro grupos de produtos somando 77% do total de importações. São eles: combustíveis minerais, óleos minerais e ceras minerais; produtos químicos orgânicos; produtos farmacêuticos e reatores nucleares, caldeiras, máquinas e mecânicos.

TABELA 19 - OS QUINZE PRODUTOS MAIS IMPORTADOS DA ÍNDIA PELO BRASIL POR VALOR, CONFORME O ANO DE 2007

continua

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO - NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	DADOS DO COMÉRCIO							
	1998		2001		2004		2007	
	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)
Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais	0	0	257,2	47	176,2	32	1 091,9	50
Produtos químicos orgânicos	57,3	27	131,3	24	154,9	28	304,9	14
Produtos farmacêuticos	9,5	4	34,3	6	46,0	8	107,9	5
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc. mecânicos	10,0	5	12,7	2	23,0	4	94,5	4
Filamentos sintéticos ou artificiais	3,8	2	3,7	0	28,8	5	81,9	4
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	4,9	2	2,8	0	6,6	1	65,4	3
Máquinas, aparelhos e material elétricos. suas partes, etc	6,9	3	16,9	3	11,2	2	61,8	3

TABELA 19 - OS QUINZE PRODUTOS MAIS IMPORTADOS DA ÍNDIA PELO BRASIL
POR VALOR, CONFORME O ANO DE 2007

conclusão

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO - NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	DADOS DO COMÉRCIO							
	1998		2001		2004		2007	
	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)	US\$ FOB milhões	Part. (%)
Plásticos e suas obras	6,8	3	7,3	1	15,2	3	47,2	2
Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	5,0	2	7,8	1	17,9	3	34,5	1
Ferro fundido, ferro e aço	2,4	1	4,8	1	4,1	1	32,4	1
Veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios	10,6	5	8,6	1	7,5	1	30,6	1
Algodão	21,1	10	2,5	0	4,1	1	27,7	1
Produtos diversos das indústrias químicas	1,0	0	1,7	0	4,5	1	22,9	1
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	18,4	9	6,1	1	4,5	1	20,2	1
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	1,5	0	2,9	0	8,1	1	14,1	1
Outros	52,4	25	42,1	8	43,4	8	127,0	6

FONTE: Secretaria do Comércio Exterior

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

Quanto à análise de participação das importações indianas por grupos de produtos, a Índia destaca-se como fornecedora entre os produtos que são considerados de fabricação mais tradicional para a Índia. A tabela mostra vários grupos de produtos que contêm produtos originados da indústria têxtil, um dos destaques de produção e exportação da Índia e o grupo café, chá, mate e especiais, citado devido às especiarias.

TABELA 20 - AS QUINZE MAIORES PARTICIPAÇÕES POR GRUPO DE PRODUTOS DAS IMPORTAÇÕES DA ÍNDIA PARA O BRASIL, CONFORME 2007

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO - NOMENCLATURA COMUM DO MERCOSUL	PARTICIPAÇÃO POR GRUPO DE PRODUTO (%)			
	1998	2001	2004	2007
Seda	50	30	18	24
Tapetes, outs. revestlm. p/ pavimentos, de matérias têxteis	9	5	8	20
Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	7	9	13	19
Café, chá, mate e especiarias	6	20	6	14
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	2	2	4	11
Filamentos sintéticos ou artificiais	1	1	5	10
Algodão	3	2	2	10
Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	0	0	5	9
Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	4	4	6	9
Obras de espartaria ou de cestaria	1	8	8	7
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	9	6	5	6
Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	3	3	4	6
Combustíveis minerais, óleos minerais, etc. ceras minerais	0	3	2	5
Produtos químicos orgânicos	2	4	4	5
Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	1	2	3	4
Penas e penugem preparadas, e suas obras, etc.	0	0	5	4

FONTE: Secretaria do Comércio Exterior

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Lê-se: em 2007 do total de exportações brasileiras de gorduras e etc 10% foram destinadas à Índia.

A análise do comércio bilateral, em sua maioria, confirma a análise do comércio potencial, porém ainda em pequena escala. A análise do comércio bilateral fica limitada por outros fatores não abordados neste trabalho que podem influenciar o volume do comércio. Entre eles seria a preferência pelo comércio com outros países parceiros, a distância geográfica e custos com transporte.

O comércio bilateral de produtos agrícolas e alimentos confirma a possibilidade de comércio dentro desse grupo de produtos do Brasil para a Índia. Verifica-se através da exportação de gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais que aparece como segundo item das exportações do Brasil para a Índia e com crescimento ao longo do período. No final do período se inicia a exportação do grupo de cereais. Também ocorre ao longo do período, porém com oscilações, a exportação de açúcares e produtos de confeitaria.

Dentro do grupo de combustíveis e produtos de mineração o que ocorreu no comércio bilateral foi o surgimento e crescimento do comércio de combustíveis e óleos minerais da Índia para o Brasil, produto que foi maior destaque de todo o comércio bilateral. O potencial levantado de comércio do Brasil para a Índia ainda não é verificado. O principal produto importado pelo Brasil, originado da Índia, foi o óleo diesel. Muito distante do volume de importação do óleo diesel, o comércio do Brasil para a Índia também segue liderado por produtos desse grupo, no caso o grupo dos minérios, escórias e cinzas.

Para o grupo do ferro e aço, confirma-se a superioridade do comércio desse grupo no sentido do Brasil para a Índia atualmente. Em 2007, o Brasil exportou para a Índia 99 milhões de dólares em ferro fundido, ferro e aço e importou da Índia 32 milhões.

O índice Grubel & Lloyd aplicado aos dados do comércio bilateral ainda não aponta o comércio intra-indústria para os produtos químicos, porém o índice mostra-se crescente. O volume de comércio no sentido da Índia para o Brasil é superior, como apontava a análise de comércio potencial. Para o comércio de produtos farmacêuticos, a superioridade do volume de comércio da Índia para o Brasil é maior ainda.

Para os grupos de produtos que abrangem máquinas e equipamentos de transporte e também para produtos automotivos, o índice de Grubel & Lloyd aplicado

ao comércio bilateral apontam na maioria do período o comércio intra-indústria. Apresenta índices elevados tornando-se superiores a 0,9 no final do período. O Brasil possui um volume maior de exportações desses produtos para a Índia do que de importações, aparecem dentre os quinze produtos mais exportados: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, mecânicos; máquinas, aparelhos e material elétricos; veículos automóveis, tratores e suas partes/acessórios; instrumentos e aparelhos de óptica e fotografia; veículos e material para vias férreas, semelhantes. Entre os quinze mais importados se repetem apenas os quatro primeiros (com valores menores que nas exportações).

Confirma-se o comércio de tecidos no sentido da Índia para o Brasil, que aparece como fornecedora de alguns itens da indústria têxtil. Alguns deles seriam: seda; tapetes, outros revestimentos para pavimentos de matérias têxteis; outras fibras têxteis vegetais; fibras sintéticas ou artificiais; algodão; outros artefatos têxteis confeccionados. Os índices aplicados ao comércio bilateral apontam o comércio inter-indústria.

O grupo de roupas não aparece como um potencial de destaque e no comércio bilateral é verificada a importação desse item. Essa importação é um volume muito pequeno, representando apenas 1% do total de importações brasileiras originadas da Índia. Do total de importações brasileiras de roupas, 6% são originadas da Índia.

8.4 TARIFAS DE IMPORTAÇÃO

Nessa seção serão analisadas as tarifas de importação de cada país e como o acordo existente entre Mercosul e Índia as alterou e se houve impacto dele sobre o comércio bilateral.

A verificação das tarifas de importação mostra que a Índia possui tarifas superiores as brasileiras. Para essa análise foram levantadas, dentro de cada grupo de produto, a menor tarifa, a maior tarifa e a tarifa média ponderada pela quantidade de produtos no grupo. A seguir são apresentados esses dados para os grupos de produtos citados na análise do comércio bilateral. A média da menor tarifa do Brasil é 6%, da maior 16% e da tarifa média 13%, para a Índia a menor é 14%, a maior é

30% e a tarifa média 19%.

TABELA 21 - TARIFAS DE IMPORTAÇÃO DO BRASIL E DA ÍNDIA, ANO DE 2008.

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO NCM	BRASIL			ÍNDIA		
	Menor	Maior	Média	Menor	Maior	Média
Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, comestíveis	10	10	10	30	100	48
Café, chá, mate e especiarias	10	14	11	30	50	33
Cereais	0	10	5	30	70	29
Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	4	12	10	15	100	62
Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal	16	20	17	30	100	53
Açúcares e produtos de confeitaria	14	18	17	30	50	33
Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	2	6	3	5	13	5
Sal; enxofre ; terras e pedras; gesso, cal e cimento	0	6	0	0	55	8
Minérios, escórias e cinzas	0	14	6	5	13	12
Combustíveis minerais, óleos minerais etc, matérias betuminosas; ceras minerais	0	14	5	10	13	12
Produtos químicos orgânicos	2	18	14	13	100	25
Produtos farmacêuticos	2	18	13	13	13	13
Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	4	14	12	13	13	13
Produtos diversos das indústrias químicas	20	20	20	13	30	13
Plásticos e suas obras	10	20	14	0	15	12
Borracha e suas obras	2	14	8	5	13	11
Peles, exceto a peleteria (peles com pelo), e couros	2	10	7	13	13	13
Peleteria (peles com pelo), suas obras, peleteria artif.	2	4	4	5	13	6

continua

TABELA 21 - TARIFAS DE IMPORTAÇÃO DO BRASIL E DA ÍNDIA, ANO DE 2008.

conclusão

DESCRIÇÃO DO CAPÍTULO NCM	BRASIL			ÍNDIA		
	Menor	Maior	Média	Menor	Maior	Média
Obras de espartaria ou de cestaria	4	16	16	13	30	15
Seda	2	26	19	13	13	13
Algodão	2	26	18	13	13	13
Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	35	35	35	13	13	13
Filamentos sintéticos ou artificiais	26	26	26	13	13	13
Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	14	26	17	13	13	13
Tapetes, outs. revestim. p/pavimentos, de matérias têxteis	35	35	35	13	13	13
Vestuário e seus acessórios, exceto de malha	18	20	19	13	13	13
Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	16	16	16	13	13	13
Penas e penugem preparadas, e suas obras, etc.	0	18	10	13	13	13
Pérolas naturais ou cultivadas, pedras preciosas, etc.	2	16	10	13	13	13
Ferro fundido, ferro e aço	0	16	11	13	13	13
Obras diversas de metais comuns	0	20	22	0	100	42
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	0	20	1	3	13	10
Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc	2	20	15	13	13	13
Veículos e material para vias férreas, semelhantes, etc.	0	20	11	0	13	12
Veículos, automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios	18	20	19	13	13	13
Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	14	17	18	13	13	13

FONTES: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – Brasil, Central Board of Excise and Customs – Índia

NOTAS: Dados trabalhados pelo autor.

O acordo entre o Mercosul e Índia, disponibilizado pelo MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, foi assinado em 25/01/2004 e é definido como uma primeira etapa para o alcance de uma área de livre comércio. Nele são previstas preferências tarifárias fixas com a intenção de incrementar o comércio entre os países em questão. Em 19/03/2005 as listas de ofertas de produtos foram definidas com suas margens de preferências, que é o desconto sobre a tarifa de importação do país.

Na lista de oferta, a Índia oferece margem de preferência nas tarifas de importação para 450 produtos e o Brasil para 452. A Índia distribui essa quantidade de produtos em 30 capítulos, conforme a NCM, com suas margens de preferências variando entre 10 e 100%. Os grupos que possuem maior quantidade de produtos são: reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos e suas partes com 105 produtos com margem de preferência de 20% e alguns produtos com 100%; extratos tanantes e tintoriais, taninos e seus derivados, pigmentos e outras matérias corantes, tintas e vernizes, mástiques e tintas de escrever com 74 produtos com margem de preferência a 10%; e o grupo peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros com 34 produtos com margens de 20 e 100%.

Das ofertas da Índia podemos relacionar com o aumento de exportações do Brasil para a Índia o grupo de reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos e suas partes, que aumentou de um volume de US\$ 42 milhões em 2004 para US\$ 93,9 milhões em 2007 e as peles com um aumento de US\$ 5,9 milhões em 2004 para US\$ 15,1 milhões em 2007. No entanto o principal grupo de exportações para a Índia de minérios, escórias e cinzas não consta dentro das ofertas de preferências e mais que triplicou seu volume de US\$ 72,6 milhões para US\$ 288,10 considerando dados de 2004 para 2007.

O Brasil distribui a sua lista de oferta em 40 capítulos conforme classificação da NCM, com suas margens de preferência também variando entre 10 e 100%. Os principais grupos são: produtos químicos orgânicos com oferta para 249 produtos e margens de preferência entre 10 e 20%; reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos e suas partes com 49 produtos com margem de

preferências de 10, 20 e 100%; máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios com 21 produtos com margens de 10, 20 e 100%.

A relação com a lista de ofertas do Mercosul e as importações originadas da Índia mostram-se mais fortes. Os produtos químicos aumentaram de US\$ 154,9 milhões para US\$ 304,9 milhões; os reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos de US\$ 23 milhões para US\$ 94,5 milhões e máquinas e aparelhos elétricos de US\$ 11,2 milhões para US\$ 61,8 milhões, todos de 2004 para 2007. O grupo que teve maior crescimento que foi o de combustíveis e óleos minerais está na lista de oferta com margem de preferência de 100% para o principal produto dessa importação, o óleo diesel.

Da concessão de preferências ou dois lados fizeram concessões próximas, assim a diferença de tarifas que existia entre eles praticamente se mantém. O acordo pode ter relação com o aumento de comércio de alguns produtos, mas o comércio até desses produtos mostra-se ainda pequeno.

7 CONCLUSÃO

A Índia ainda se encontra em um processo de expansão de seu comércio internacional, de amadurecimento. Suas participações no comércio mundial se mostraram em expansão ao longo do período analisado, enquanto que as do Brasil mostram-se mais estáveis. Possui mais acordos recentes e em negociação do que o Brasil. Apesar de ter reduzido, com a abertura comercial, suas tarifas de importação ainda se encontram elevadas, bastante acima das tarifas do Brasil. Como a Índia mostra-se interessada na expansão do comércio Sul-Sul, o que pode ser visto pelo número de acordos desse que estão em negociação, é importante para o Brasil manter a continuidade desse acordo e tentativas de aproximação.

Do potencial visto nesse trabalho, muito ainda não se concretizou ou encontra-se em uma escala pequena de realização. Como é o caso, por exemplo, do comércio de produtos de mineração e combustíveis do Brasil para a Índia e dos produtos químicos e farmacêuticos da Índia para o Brasil.

Dentro do volume que existe de comércio bilateral, a sua maioria ainda acontece no modelo inter-indústria, outra parte oscila bastante entre períodos de comércio intra-indústria e inter-indústria. Existe potencial para o aumento do comércio no formato intra-indústria, que se mostra num processo de fortalecimento para máquinas, equipamentos, materiais elétricos, reatores, instrumentos de ópticas e fotografias.

O acordo entre Mercosul e Índia abrange poucos produtos. O desconto dado na tarifa de importação é, em sua maioria, de 10 e 20%. Essas são margens de preferências pequenas. Isso especialmente quando vistas as tarifas indianas, que são superiores. Alguns produtos que tiveram aumento de comércio estão sendo beneficiados pelo acordo, mas ainda não se pode concluir que o aumento foi devido principalmente a ele, pois já existia um movimento de expansão desse comércio e as margens, como dito, ainda são pequenas.

Diante disso, podemos concluir que o comércio entre os países ainda é recente e tem potencial para se fortalecer no longo prazo. Será importante uma expansão do acordo atual, que abranja as melhores possibilidades de comércio e

não apenas as principais necessidades de importação de cada país. A indústria dos dois países ainda tem potencial de desenvolvimento, o que pode ampliar ainda mais as possibilidades de comércio intra-indústria.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO DO BRASIL. Disponível em:

<<http://www44.bb.com.br/appbb/portal/bb/unv/ntca/noticia.jsp?Noticia.codigo=130825>> Acesso em: 06 abr. 2008

CAMPOS, Maria de Fátima Sales de Souza; HIDALGO, Álvaro Barrantes. **Comércio intra-industrial e desigualdade de rendimentos na indústria de transformação brasileira após abertura comercial**. 2003. p 1-11. Trabalho dirigido a Universidade Estadual de Londrina e Universidade Federal de Pernambuco.

CENTRAL BOARD OF EXCISE AND CUSTOMS. Disponível em: <<http://www.cbec.gov.in>> Acesso em 03 ago. 2008

CNI – Confederação Nacional das Indústrias. **As relações comerciais entre Brasil e Índia: oportunidades para o Brasil**. 2007. 14 f.

FAUSTINO, Horário C. **Indicadores de comércio e de especialização intra-setorial. Qual ou quais utilizar nos estudos empíricos**. 2003. 28 f.

GOUVÊA, Raul de; SANTOS, Tharcisio Souza. Disponível em:

<<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=4368>> Acesso em 06 abr. 2008

KUME, Honório; PIANI, Guida; MIRANDA, Pedro. **Índia-Mercosul: Perspectivas de um acordo de preferências comerciais**. Rio de Janeiro: IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2005. 26 f.

KRUGMAN, Paul R; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; SECEX - Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>> Acesso em set. 2007

OLIVEIRA, Maria Helena de. **Evidências empíricas de comércio intra-indústria**. Rio de Janeiro, v, 40, n. 3, p.211-232, jul./set 1986

OMC – Organização Mundial do Comércio. Disponível em

<http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_e.htm> Acesso em 13 mar. 2008

ONU – Organização das Nações Unidas. Disponível em

<<http://unstats.un.org/unsd/snaama/selectionbasicFast.asp>> Acesso em 13 ago. 2008

SALVATORE, Dominick. **Economia internacional**. São Paulo. LTC, 2000.

SILBER, Simão Davi. **Setores importadores e exportadores da Índia**. São Paulo: FIFE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 2007. 85 f.

SOUZA, Maurício Jorge Pinto de; ILHA, Adayr da Silva. **Índices de vantagem comparativa revelada e de orientação regional para alguns produtos do agronegócio brasileiro no período de 1992 e 2002**. Universidade Federal de Santa Maria, 2003.

9 ANEXOS

ANEXO 1 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE BALASSA PARA O BRASIL

continua

Período	1. Produtos agrícolas	1.1 <i>Alimentos</i>	2. Comb. e prod miner.	2.2 <i>Combusti veis</i>	3. Manufatu ras	3.1 Aço e ferro	3.2 <i>Produtos Químicos</i>	3.2.1 Produtos farmacêut icos
1990	2,51	2,94	1,09	0,20	0,72	3,60	0,67	...
1991	2,30	2,60	1,17	0,14	0,75	4,27	0,66	...
1992	2,32	2,61	1,08	0,17	0,76	4,01	0,65	...
1993	2,35	2,66	1,00	0,19	0,78	3,60	0,66	...
1994	2,67	3,07	1,00	0,22	0,73	3,19	0,62	...
1995	2,84	3,13	1,02	0,12	0,71	2,96	0,67	...
1996	2,90	3,27	0,92	0,10	0,71	3,23	0,70	...
1997	3,13	3,54	0,85	0,07	0,71	2,70	0,68	...
1998	3,12	3,43	1,12	0,11	0,69	2,64	0,64	...
1999	3,36	3,63	1,04	0,11	0,69	2,87	0,65	...
2000	3,19	3,38	0,85	0,15	0,77	2,90	0,70	0,28
2001	3,45	3,73	0,94	0,36	0,71	2,46	0,56	0,22
2002	3,41	3,71	1,10	0,51	0,69	2,78	0,57	0,18
2003	3,55	3,80	1,04	0,50	0,68	2,73	0,55	0,15
2004	3,62	3,94	0,93	0,40	0,70	2,42	0,54	0,15
2005	3,54	3,82	0,91	0,42	0,73	2,46	0,57	0,16
2006	3,57	3,89	0,99	0,51	0,71	2,16	0,63	0,18

ANEXO 1 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE BALASSA PARA O BRASIL

Período								conclusão	
	3.3 Máquinas e equipame ntos de transporte	3.3.1 Escritório e equipame ntos para telecomu nicação	3.3.1.1 Processame nto eletrônc o de dados e equipamento s para escritório	3.3.1.2 Equipament os para telecomunic ações	3.3.1.3 Circuitos integrados e componente s eletrônicos	3.3.2 Produtos automotiv os	3.4 Tecidos	3.5 Roupas	
1990	0,51	0,25	0,68	0,79	0,24	
1991	0,50	0,24	0,68	0,83	0,26	
1992	0,55	0,22	0,85	0,87	0,27	
1993	0,54	0,18	0,82	0,76	0,29	
1994	0,53	0,14	0,77	0,71	0,26	
1995	0,49	0,13	0,69	0,70	0,20	
1996	0,51	0,15	0,75	0,72	0,16	
1997	0,57	0,15	0,99	0,67	0,12	
1998	0,59	0,16	1,02	0,62	0,10	
1999	0,56	0,20	0,80	0,65	0,11	
2000	0,67	0,28	0,15	0,65	0,09	0,92	0,64	0,16	
2001	0,65	0,29	0,12	0,69	0,09	0,87	0,59	0,15	
2002	0,60	0,27	0,07	0,66	0,10	0,81	0,56	0,11	
2003	0,58	0,22	0,07	0,53	0,08	0,89	0,64	0,13	
2004	0,64	0,16	0,07	0,35	0,06	0,93	0,59	0,13	
2005	0,68	0,25	0,09	0,57	0,04	1,12	0,56	0,11	
2006	0,65	0,23	0,08	0,52	0,03	1,10	0,53	0,08	

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 1 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 1 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

ANEXO 2 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE BALASSA PARA A ÍNDIA

continua

Período	1. Produtos agricolas	1.1 <i>Alimentos</i>	2. Comb. e prod miner.	2.2 <i>Combusti veis</i>	3. Manufatu ras	3.1 Aço e <i>ferro</i>	3.2 <i>Produtos Químicos</i>	3.2.1 Produtos farmacêut icos
1990	1,58	1,65	0,60	0,27	0,98	0,43	0,84	...
1991	1,53	1,75	0,59	0,24	0,99	0,58	0,94	...
1992	1,44	1,66	0,59	0,30	1,00	0,84	0,74	...
1993	1,57	1,78	0,52	0,25	0,99	1,17	0,77	...
1994	1,38	1,65	0,50	0,24	1,01	0,90	0,87	...
1995	1,67	2,03	0,47	0,22	0,97	0,95	0,83	...
1996	1,80	2,00	0,43	0,17	0,97	1,07	0,94	...
1997	1,78	2,02	0,36	0,13	0,99	1,23	1,03	...
1998	1,76	1,99	0,30	0,07	0,98	0,90	0,96	...
1999	1,60	1,82	0,26	0,03	1,02	1,22	1,03	...
2000	1,60	1,87	0,52	0,40	1,02	1,27	1,12	1,60
2001	1,54	1,78	0,63	0,50	1,00	1,19	1,09	1,39
2002	1,43	1,64	0,76	0,54	0,99	1,78	1,05	1,26
2003	1,34	1,48	0,76	0,56	1,00	1,79	1,05	1,13
2004	1,21	1,37	1,06	0,76	0,96	1,95	1,03	1,02
2005	1,23	1,31	1,05	0,80	0,96	1,52	1,06	1,02
2006	1,43	1,40	0,99	0,94	0,95	1,48	1,11	1,06

ANEXO 2 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE BALASSA PARA A ÍNDIA

conclusão

Período	3.3 Máquinas e equipame ntos de transporte	3.3.1 Escritório s e equipame ntos para telecomu nicação	3.3.1.1 Processame nto eletrônc o de dados e equipameto s para escritório	3.3.1.2 Equipameto s para telecomunic ações	3.3.1.3 Circuitos integrados e componente s eletrônicos	3.3.2 Produtos automotiv os	3.4 Tecidos	3.5 Roupas
1990	0,21	0,11	0,12	3,91	4,38
1991	0,20	0,09	0,17	4,41	4,10
1992	0,19	0,07	0,17	4,39	4,11
1993	0,18	0,08	0,15	4,16	3,73
1994	0,18	0,09	0,19	4,57	4,14
1995	0,19	0,12	0,19	4,45	4,04
1996	0,21	0,14	0,21	4,99	3,92
1997	0,20	0,10	0,19	5,20	3,78
1998	0,17	0,05	0,14	4,88	4,13
1999	0,16	0,05	0,13	5,23	4,20
2000	0,19	0,07	0,10	0,06	0,04	0,15	5,23	4,31
2001	0,21	0,10	0,15	0,07	0,05	0,14	4,90	3,85
2002	0,21	0,08	0,10	0,07	0,07	0,14	4,63	3,51
2003	0,24	0,10	0,13	0,09	0,07	0,21	4,51	3,25
2004	0,24	0,08	0,10	0,07	0,08	0,24	3,96	2,81
2005	0,28	0,07	0,10	0,07	0,06	0,29	4,01	3,22
2006	0,32	0,09	0,11	0,10	0,05	0,30	4,01	3,07

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 1 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 1 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

ANEXO 3 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE LAFAY PARA O BRASIL

continua

Período	1. Produtos agricolas	<i>1.1</i> <i>Alimentos</i>	2. Comb. e prod miner.	<i>2.2</i> <i>Combusti</i> <i>veis</i>	3. Manufatu ras	<i>3.1 Aço e</i> <i>ferro</i>	<i>3.2</i> <i>Produtos</i> <i>Químicos</i>	<i>3.2.1</i> Produtos farmacêut icos
1990	11,67	11,12	-9,32	-14,67	-2,36	6,09	-5,56	-0,82
1991	9,65	8,32	-7,85	-13,69	-1,75	7,22	-6,27	-0,93
1992	11,81	11,91	-7,88	-13,48	4,39	7,25	-5,21	-0,80
1993	10,56	11,76	-8,44	-13,71	-0,89	7,36	-7,18	-1,09
1994	13,29	13,96	-7,52	-12,42	-17,80	7,14	-10,60	-1,69
1995	14,72	10,25	-12,04	-16,36	-53,67	6,98	-15,68	-2,27
1996	13,63	11,29	-13,63	-18,87	-56,55	6,75	-17,60	-3,07
1997	16,75	15,91	-13,73	-19,37	-69,66	5,27	-19,92	-3,44
1998	15,56	13,57	-8,47	-14,16	-69,91	4,51	-20,43	-3,77
1999	22,19	15,71	-9,25	-14,67	-54,69	4,46	-19,84	-4,62
2000	18,67	14,07	-15,75	-21,70	-52,58	5,19	-21,06	-4,26
2001	28,64	21,69	-13,16	-18,22	-56,81	4,03	-22,19	-4,52
2002	28,38	23,23	-7,86	-14,28	-36,52	5,88	-19,73	-4,55
2003	29,32	30,53	-6,25	-13,89	-25,19	7,98	-20,74	-4,38
2004	33,01	43,09	-14,14	-23,92	-24,11	11,59	-27,12	-5,05
2005	27,91	49,17	-9,33	-24,33	-25,17	14,14	-26,24	-5,55
2006	24,29	54,23	-10,81	-28,30	-43,74	13,22	-27,73	-6,95

ANEXO 3 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE LAFAY PARA O BRASIL

conclusão

Período	3.3 Máquinas e equipame ntos de transporte	3.3.1 Escritório e equipame ntos para telecomu nicação	3.3.1.1 Processame nto eletrônc o de dados e equipamento s para escritório	3.3.1.2 Equipament os para telecomunic ações	3.3.1.3 Circuitos integrados e componente s eletrônicos	3.3.2 Produtos automotiv os	3.4 Tecidos	3.5 Roupas
1990	-5,62	-2,67	-0,91	-0,62	-1,14	2,50	0,81	0,32
1991	-5,79	-2,58	-0,84	-0,74	-1,00	1,94	0,80	0,37
1992	-3,80	-3,01	-1,45	-0,75	-0,82	2,97	1,26	0,56
1993	-8,23	-4,90	-2,01	-1,58	-1,31	0,56	0,63	0,64
1994	-18,54	-7,61	-2,84	-2,81	-1,96	-2,88	0,24	0,42
1995	-38,65	-12,38	-3,95	-5,09	-3,35	-10,10	-1,68	-0,41
1996	-38,73	-14,28	-4,02	-6,26	-4,00	-5,78	-1,00	-0,50
1997	-50,24	-16,48	-4,15	-7,96	-4,37	-6,80	-1,21	-0,79
1998	-46,37	-14,35	-4,15	-6,43	-3,77	-6,79	-1,10	-0,62
1999	-36,91	-13,07	-3,36	-5,67	-4,04	-3,40	-0,79	-0,21
2000	-34,32	-16,31	-4,48	-5,31	-6,52	-2,41	-1,21	0,05
2001	-36,80	-14,37	-4,28	-4,90	-5,20	-2,01	-0,96	0,01
2002	-23,34	-8,75	-3,40	-0,97	-4,37	1,14	-0,63	0,02
2003	-16,78	-9,40	-3,11	-1,32	-4,97	4,67	-0,01	0,18
2004	-13,46	-14,96	-3,68	-4,17	-7,12	7,55	-0,47	0,13
2005	-15,93	-16,95	-4,69	-3,54	-8,73	11,11	-0,69	-0,16
2006	-28,05	-22,58	-6,54	-5,85	-10,19	9,38	-1,84	-0,64

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 0 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 0 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

ANEXO 4 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE LAFAY PARA A ÍNDIA

continua

Período	1. Produtos agrícolas	1.1 <i>Alimentos</i>	2. Comb. e prod miner.	2.2 <i>Combusti veis</i>	3. Manufatu ras	3.1 Aço e <i>ferro</i>	3.2 <i>Produtos Químicos</i>	3.2.1 Produtos farmacêut icos
1990	7,34	7,42	-17,36	-15,67	10,02	-2,23	-3,73	0,85
1991	8,42	8,83	-14,16	-14,24	17,63	-1,01	-3,18	1,04
1992	7,64	8,93	-18,59	-17,39	19,36	-0,49	-4,57	0,63
1993	10,16	10,79	-15,49	-15,31	22,54	0,55	-2,79	0,95
1994	7,10	9,37	-18,93	-16,57	29,54	-0,70	-3,97	1,20
1995	13,50	16,00	-24,34	-21,48	27,27	-0,63	-6,29	1,38
1996	15,86	16,26	-31,95	-29,03	31,05	-0,29	-3,06	1,95
1997	13,84	15,20	-28,63	-25,67	32,11	0,20	-3,01	2,19
1998	8,82	10,30	-24,69	-21,14	32,04	-0,08	-3,49	2,15
1999	6,84	9,28	-41,76	-38,23	37,78	0,91	-2,88	2,64
2000	11,36	13,88	-43,34	-41,24	58,84	2,34	3,74	3,25
2001	8,42	12,09	-37,54	-35,29	49,54	1,71	2,17	3,45
2002	10,35	13,14	-42,66	-43,45	55,12	4,83	4,87	4,42
2003	9,80	13,30	-46,46	-47,68	60,71	5,77	5,24	5,19
2004	10,74	14,90	-61,87	-68,24	59,72	9,42	4,90	6,00
2005	17,01	19,04	-88,53	-95,07	51,39	4,66	3,68	7,06
2006	28,10	25,47	-114,18	-132,68	40,17	3,99	6,45	8,17

ANEXO 4 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE LAFAY PARA A ÍNDIA

conclusão

Período	3.3 Máquinas e equipame ntos de transporte	3.3.1 Escritório e equipame ntos para telecomu nicação	3.3.1.1 Processame nto eletrônc o de dados e equipamento s para escritório	3.3.1.2 Equipament os para telecomunic ações	3.3.1.3 Circuitos integrados e componente s eletrônicos	3.3.2 Produtos automotiv os	3.4 Tecidos	3.5 Roupas
1990	-6,71	-1,16	-0,26	-0,36	-0,54	-0,03	6,79	8,63
1991	-2,49	-0,69	-0,17	-0,15	-0,37	0,54	8,27	8,62
1992	-4,33	-1,13	-0,23	-0,34	-0,57	0,62	9,56	10,56
1993	-6,48	-0,93	-0,14	-0,30	-0,48	0,55	9,34	10,12
1994	-8,17	-1,30	-0,23	-0,46	-0,61	0,94	12,19	12,62
1995	-11,68	-1,64	-0,33	-0,48	-0,83	0,71	13,94	14,01
1996	-10,32	-0,76	-0,06	-0,40	-0,30	0,65	15,93	14,36
1997	-10,46	-2,61	-0,94	-0,85	-0,82	0,93	16,83	14,79
1998	-9,96	-3,59	-1,82	-0,95	-0,81	0,75	14,35	16,28
1999	-10,54	-4,61	-2,41	-1,22	-0,99	0,38	16,01	17,53
2000	-8,67	-5,64	-3,05	-1,47	-1,12	1,19	18,92	21,01
2001	-9,61	-5,52	-2,26	-2,02	-1,24	0,99	16,48	18,60
2002	-15,94	-9,71	-3,22	-5,19	-1,29	1,47	18,16	20,52
2003	-22,38	-13,31	-3,94	-7,73	-1,64	2,70	20,37	22,48
2004	-31,45	-18,27	-5,76	-10,88	-1,63	3,70	20,17	22,52
2005	-53,31	-25,99	-8,05	-16,12	-1,83	6,08	23,65	31,24
2006	-80,98	-35,14	-10,69	-22,47	-1,98	6,79	26,47	34,51

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Um produto com VCR acima de 0 possui uma vantagem comparativa e com VCR abaixo de 0 apresenta desvantagem comparativa.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

ANEXO 5 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE GRUBEL & LLOYD PARA O BRASIL

continua

Período	1. Produtos agrícolas	1.1 Alimentos	2. Comb. e prod miner.	2.2 Combustí veis	3. Manufatu ras	3.1 Aço e ferro	3.2 Produtos Químicos	3.2.1 Produtos farmacêut icos
1990	0,43	0,39	0,82	0,20	0,88	0,15	0,70	0,35
1991	0,52	0,49	0,86	0,15	0,87	0,12	0,67	0,38
1992	0,42	0,38	0,86	0,19	0,78	0,12	0,76	0,45
1993	0,52	0,43	0,83	0,20	0,85	0,11	0,69	0,37
1994	0,53	0,47	0,87	0,26	0,99	0,13	0,61	0,31
1995	0,63	0,61	0,77	0,12	0,78	0,20	0,55	0,29
1996	0,65	0,60	0,74	0,11	0,78	0,21	0,52	0,25
1997	0,57	0,53	0,74	0,08	0,75	0,35	0,51	0,26
1998	0,59	0,56	0,86	0,12	0,74	0,41	0,48	0,27
1999	0,49	0,46	0,84	0,13	0,79	0,31	0,47	0,25
2000	0,50	0,47	0,76	0,19	0,85	0,32	0,50	0,26
2001	0,37	0,35	0,82	0,40	0,83	0,39	0,46	0,25
2002	0,36	0,34	0,96	0,56	0,92	0,26	0,53	0,26
2003	0,31	0,30	0,98	0,64	0,99	0,22	0,57	0,29
2004	0,25	0,22	0,94	0,53	0,95	0,20	0,57	0,30
2005	0,24	0,21	0,95	0,66	0,94	0,24	0,65	0,34
2006	0,26	0,23	0,94	0,73	0,98	0,33	0,70	0,35

ANEXO 5 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE GRUBEL & LLOYD PARA O BRASIL

Período	conclusão							
	3.3 Máquinas e equipame ntos de transporte	3.3.1 Escritório e equipame ntos para telecomu nicação	3.3.1.1 Processame nto eletrônc o de dados e equipamento s para escritório	3.3.1.2 Equipament os para telecomunic ações	3.3.1.3 Circuitos integrados e componente s eletrônicos	3.3.2 Produtos automotiv os	3.4 Tecidos	3.5 Roupas
1990	0,96	0,63	0,54	0,89	0,28	0,41	0,49	0,39
1991	0,95	0,65	0,69	0,80	0,35	0,54	0,54	0,38
1992	0,96	0,61	0,54	0,80	0,41	0,53	0,41	0,21
1993	0,95	0,47	0,42	0,62	0,27	0,79	0,64	0,23
1994	0,80	0,35	0,30	0,46	0,20	0,97	0,78	0,47
1995	0,59	0,25	0,27	0,31	0,12	0,66	0,85	0,89
1996	0,61	0,26	0,33	0,29	0,11	0,84	0,95	0,80
1997	0,60	0,26	0,32	0,30	0,11	0,89	0,92	0,64
1998	0,64	0,29	0,32	0,34	0,15	0,90	0,91	0,67
1999	0,68	0,37	0,45	0,43	0,17	0,97	0,96	0,92
2000	0,78	0,46	0,39	0,68	0,16	0,96	0,89	0,79
2001	0,76	0,50	0,34	0,72	0,18	0,94	0,93	0,83
2002	0,86	0,62	0,28	0,97	0,24	0,78	0,99	0,82
2003	0,95	0,59	0,33	0,98	0,19	0,63	0,84	0,67
2004	0,97	0,44	0,34	0,72	0,14	0,57	0,93	0,74
2005	0,96	0,58	0,37	0,92	0,10	0,55	0,96	0,94
2006	0,98	0,52	0,30	0,84	0,08	0,63	0,89	0,79

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Se igual ou maior a 0,5 o setor é classificado como intra-industrial e se menor que 0,5 será classificado como interindustrial. Igual a 1 significa que o comércio é totalmente intra-indústria e igual a zero que é totalmente inter-indústria.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.

ANEXO 6 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE GRUBEL & LLOYD PARA A ÍNDIA

continua

Período	1. Produtos agrícolas	1.1 <i>Alimentos</i>	2. Comb. e prod miner.	2.2 <i>Combusti veis</i>	3. Manufatu ras	3.1 Aço e ferro	3.2 <i>Produtos Químicos</i>	3.2.1 Produtos farmacêut icos
1990	0,66	0,43	0,31	0,15	0,99	0,35	0,60	0,73
1991	0,50	0,30	0,34	0,14	0,86	0,58	0,65	0,64
1992	0,66	0,43	0,29	0,15	0,89	0,76	0,57	0,84
1993	0,53	0,32	0,31	0,15	0,86	1,00	0,68	0,70
1994	0,80	0,59	0,29	0,14	0,84	0,76	0,68	0,68
1995	0,64	0,42	0,26	0,11	0,91	0,79	0,63	0,72
1996	0,60	0,45	0,22	0,09	0,88	0,84	0,76	0,55
1997	0,68	0,52	0,21	0,08	0,89	0,91	0,77	0,58
1998	0,85	0,75	0,17	0,03	0,89	0,87	0,74	0,58
1999	0,91	0,77	0,11	0,01	0,88	0,97	0,78	0,52
2000	0,76	0,56	0,28	0,20	0,78	0,75	0,99	0,47
2001	0,87	0,66	0,33	0,24	0,83	0,84	0,95	0,48
2002	0,84	0,68	0,37	0,24	0,86	0,61	0,98	0,50
2003	0,89	0,73	0,40	0,28	0,89	0,68	1,00	0,48
2004	0,89	0,72	0,49	0,34	0,94	0,70	0,97	0,45
2005	0,81	0,67	0,50	0,38	1,00	0,96	0,93	0,53
2006	0,70	0,60	0,50	0,40	0,96	0,99	0,95	0,58

ANEXO 6 - TABELA COMPLETA DO ÍNDICE DE GRUBEL & LLOYD PARA A ÍNDIA

Período	conclusão							
	3.3 Máquinas e equipame ntos de transporte	3.3.1 Escritório e equipame ntos para telecomu nicação	3.3.1.1 Processame nto eletrônc o de dados e equipamento s para escritório	3.3.1.2 Equipament os para telecomunic ações	3.3.1.3 Circuitos integrados e componente s eletrônicos	3.3.2 Produtos automotiv os	3.4 Tecidos	3.5 Roupas
1990	0,48	0,43	0,64	0,30	0,27	0,86	0,20	0,00
1991	0,68	0,51	0,62	0,53	0,40	0,73	0,10	0,00
1992	0,59	0,38	0,59	0,39	0,18	0,75	0,11	0,00
1993	0,52	0,49	0,73	0,44	0,21	0,79	0,14	0,00
1994	0,52	0,48	0,71	0,42	0,23	0,73	0,16	0,00
1995	0,49	0,56	0,71	0,56	0,38	0,89	0,15	0,00
1996	0,54	0,72	0,85	0,60	0,66	0,94	0,13	0,00
1997	0,55	0,45	0,56	0,42	0,25	0,82	0,14	0,00
1998	0,52	0,25	0,20	0,35	0,22	0,81	0,18	0,01
1999	0,52	0,24	0,22	0,29	0,22	0,98	0,18	0,01
2000	0,63	0,30	0,31	0,29	0,28	0,73	0,18	0,01
2001	0,62	0,35	0,44	0,26	0,28	0,78	0,23	0,01
2002	0,55	0,24	0,30	0,14	0,37	0,70	0,26	0,01
2003	0,55	0,24	0,35	0,14	0,35	0,67	0,28	0,01
2004	0,53	0,19	0,26	0,10	0,40	0,69	0,33	0,01
2005	0,50	0,17	0,23	0,09	0,35	0,61	0,37	0,02
2006	0,46	0,17	0,23	0,12	0,34	0,66	0,35	0,02

FONTE: Organização Mundial do Comércio

NOTAS: 1 Dados trabalhados pelo autor.

2 Se igual ou maior a 0,5 o setor é classificado como intra-industrial e se menor que 0,5 será classificado como interindustrial. Igual a 1 significa que o comércio é totalmente intra-indústria e igual a zero que é totalmente inter-indústria.

3 A taxa de câmbio pode influenciar o resultado do índice.